

VANGUARDA

JUVENIL
5-6

(5)

VANGUARDIA

JUVENIL



N° 5-6

NESTE NUMERO

NOSSA FRAGUEZA E NOSSA FORÇA

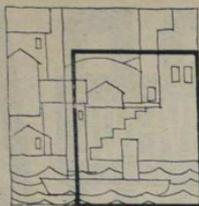
ECONOMIA KIBUTZIANA

CARTA A UM CHAVER

EDUCAÇÃO E METODO

ICHUD HANOVR HACHALUTZI





Canal de Suez

Após mais de meio século de domínio britânico no Canal de Suez, passa, este para as mãos do Egito, dono natural deste importante ponto geográfico. Centro de disputas políticas que remontam há dezenas de anos, foi o Canal a ambição das potências e nações de mundo, desde os primórdios da expansão do capitalismo colonialista. Sem dúvida, fortes causas existiram e existem para que assim aconteça.

É Suez um ponto importante para as nações, quer do ponto de vista económico, quer estratégico. Por sua posição geográfica, é um ponto de passagem que liga três continentes do globo terrestre, dois dos quais, África e Ásia, se prestaram ao domínio do capitalismo europeu na busca de mercados, na exploração de colónias, na conquista do petróleo, no comércio internacional, etc., em suma, no desenvolvimento do capitalismo ocidental. No sentido estratégico é também Suez um ponto de importância vital, pois é uma das portas do Mediterrâneo, bem como do Oriente Próximo.

Até agora, o Império Britânico foi o senhor absoluto do Canal. Porém à partir da 2ª Guerra Mundial, quando o Egito começou a se desenvolver economicamente e transformar-se numa nação com suficiente prestígio para fazer reivindicações, aumentou a pressão para com o Império Britânico, em torno do problema do Canal de Suez. A intensificação do nacionalismo árabe e em especial do egípcio, como consequência de seu último desenvolvimento, foi um fator muito decisivo para o abandono do Canal, por parte da Inglaterra. Há que acrescentar ainda outros fatores que dentro das circunstâncias, contribuíram para o ocorrido, tais como a necessidade das potências ocidentais fazerem concessões aos países árabes, com o fito de conquistá-los para seu lado, na alternativa do mundo dividido em dois blocos; e o próprio fato de que o prazo do contrato para domínio do Canal, se bem que não houvesse expirado, estava já findando. Sob o prisma

de luta social, que se trava no mundo de hoje, a libertação do Canal de Suez das mãos do domínio britânico encerra um grande significado, que é o da luta dos países pela libertação nacional — e, sem a menor dúvida, este é o significado do passo político dado pelo Egito. Neste sentido, apoiamo-lo inteiramente.

Porém, particularmente em relação a Israel, pela situação em que se encontra perante os países árabes e Egito, pela atitude negativa destes perante a constituição nacional judia, a incorporação do Canal ao domínio egípcio criou uma situação delicada que há que considerar. Para Israel, bem como para outros países, já, o dissemos, Suez é um fator imprescindível para a vida económica. É conhecido o fato de que a hostilidade árabe para com Israel se faz sob as mais diversas formas, entre as quais a do bloqueio económico. Suez nas mãos do Egito, dependendo da atitude deste país para com Israel, poderá significar um instrumento a mais contra o renascimento e a construção judia. E os últimos acontecimentos, tais como a prisão do navio Bat Ga'im, são uma prova da verdade deste prognóstico.

Portanto, se bem que já vimos o significado positivo da libertação do Canal, dependerá da política do Egito para que este significado se estenda à Israel. E o interesse máximo de Israel no Canal está na livre navegação judia, sem restrições. As resoluções do Conselho de Segurança de 1951, que permite livre navegação através do Canal por parte de navios de qualquer país, não tem sido suficientes para o Egito permitir a livre passagem de navios israelis.

Cremos que a solução radical deste problema está no convencimento próprio dos países árabes, e em particular do Egito, como primeira potência árabe, no estabelecer uma paz permanente e duradoura com Israel, numa convivência mútua, sem restrições e atritos.

Sómente neste caso, a passagem de Suez para domínio egípcio, significará um passo progressivo para todo o Oriente Médio.

Os bárbaros julgamentos dos judeus no Cairo têm concentrado a atenção do mundo civilizado, pelo seu conteúdo nitidamente anti-sionista e anti-semita e por sua forma, que lembram os julgamentos semelhantes, anti-sionistas e anti-judaicos europeus.

Estes julgamentos constituem o epílogo de uma sistemática campanha, iniciada com um julgamento militar contra 8 judeus acusados de propagação sionista, seguido de outro em Fevereiro de 1954 contra 6 jovens judeus acusados de ações sionistas e comunistas; após isto, seguiram-se ataques sucessivos da imprensa contra os judeus, acusando-os dos mais baixos crimes; mais de 120 casos judiais foram varejadas por suspeita de estudo de ivrit, que se tornou fora de lei. Foram editadas publicações distribuídas entre os diplomatas estrangeiros, contra os judeus.

Assim, «descobriram» o grupo sionista que punha em perigo a segurança do Egito e sabotava o acordo anglo-egípcio. Foram em vão, os esforços do Rabino-chefe do Egito para ser recebido pelo ditador Nasser, afim de declarar-lhe a solidariedade dos judeus, pois nem sequer foi recebido.

Tudo isto é o resultado da ação do grupo militar que ditatorialmente dirige o Egito sob inspiração nazista. Com a participação de nazistas que se encontram no Egito, foi formado o «Departamento para assuntos judeus» que concentra em suas mãos toda esta ação. E assim são os conhecidos processos nazistas e semelhantes, com torturas e maus tratos para obter confissões e que levaram um dos acusados a suicidar-se e outra a tentá-lo.

Em primeiro lugar, desviar a celeuma criada nos países árabes, com as condenações à morte de membros dos «Irmãos Mussulmanos», fazendo todos os povos árabes ver em nós, judeus, os eternos causadores de todas as desgraças. Com isto, reafirma o Egito sua posição de eterno defensor e líder do povo árabe.

Em segundo lugar, apresentam causas para indiretamente justificar sua ação no caso do navio apreendido «Bat Gallim», já que não conseguiram os egípcios provar nenhuma das acusações contra seus tripulantes e foram forçados a libertá-los, sob pressão internacional.

Em terceiro lugar, desviar a atenção do mundo das graves acusações que pesam sobre o Egito, quanto à preparação sistemática de árabes em Gaza, para assassinato e roubo em Israel, fazendo ameaças das mais graves aos que se recusam, conforme testemunhos declarados na Comissão Mista de Armistício Israel-Egito.

Isto tudo sem dúvida, faz-nos temer seriamente sobre o futuro não só dos 13 acusados neste julgamento-farsa de Cairo, mas sobre a vida dos 40.000 judeus que lá vivem. E destrua as esperanças que havia no novo sistema que existe no Egito e que se propinha a moralizar e estabilizar a vida anárquica que lá existia.

O mundo não está calado diante disto. A solidariedade demonstrada pela intenção unânime de todo o bloco de países latino-americanos nos dá confiança n'isto.

Mas acima de tudo deverão estar alertas o Estado de Israel e os judeus do mundo inteiro, pois contra estes e aquele é a finalidade destes pretensos julgamentos.

Realizou-se em fins de mês de outubro p. p., o 4º Congresso da União Internacional da Juventude Socialista (International Union of Socialist Youth), em Copenhague, Dinamarca. A característica deste Congresso foi sem dúvida sua ampliação em extensão e número de filiados e sua consagração definitiva como autêntico veículo de expressão da juventude socialista de todo o mundo.

Participaram deste Congresso as seguintes representações: Juventude e Estudantes Socialistas da Austrália; Confederação e Estudantes Socialistas da Bélgica; União dos Estudantes da Birmânia; «Frit-Forum» — estudantes socialistas — da Dinamarca; Suomen Sos. Dem. da Finlândia; Juventude Socialista e Estudantes Socialistas da França; «Die Falken» e Jung socialisten da Alemanha; Labour League of Youth, da Inglaterra; Nalson — estudantes socialistas — da Inglaterra; «Nieuwe Koeën» e «Arbeiders Jeugd Centrale» da Holanda; «Politeia» estudantes socialistas da Holanda; Juventude Socialista da Hungria (exílio); Samband Ungra da Islândia; Samajewadi Yuwac Sabha da Índia; Hamishmeret Hatzeira de Israel; Federazione Giovanile Socialista da Itália; Juventude Socialista da Lituânia (exílio); Juventude Socialista de Luxemburgo; AUF e Studetag da Noruega; Bund der Soz. Jugend y Soz. Arbeiter Jugend do Sarre; SSU da Suécia e Studentorbund; Federação de J.J. SS. da Espanha; Sozial Jugend da Suíça; Juventude Socialista da Estónia (exílio); Young Poalei Zion da Grã Bretanha.

A IUZY reúne atualmente 50 organizações de jovens e estudantes socialistas, representando cerca de 450.000 afiliados.

Do 4º Congresso plenário da IUZY, foi tirada a seguinte declaração de princípios:

A essência do Socialismo Democrático é o empenho de atingir maior felicidade, justiça e dignidade e maiores possibilidades para a auto-expressão do ser humano. Procurando abolir a exploração da classe pela classe e do homem pelo homem, o Socialismo reconhece o homem como parte integral de uma classe ou grupo e como uma individualidade pessoal. O Socialismo dedica-se à criação de uma sociedade de seres livres e iguais, cooperando juntos para o progresso comum.

1. Sem Liberdade não pode haver Socialismo. Socialismo pode ser atingido somente através da Democracia. Democracia pode ser plenamente realizada somente através do Socialismo.
2. Democracia é governo do povo, pelo povo, para o povo, assegurando:
 - a) direito de todo ser humano à vida particular, protegida da arbitrária invasão do estado;
 - b) liberdade de pensamento, expressão, educação, organização e religião;
 - c) representação do povo através de eleições livres, pelo sufrágio universal e votação secreta;
 - d) governo pela maioria e respeito aos direitos da minoria;

(Continua na pag. 33)

Benjamin Roizman

Neste último Chanuká, comemorou o ishuv de Eretz e em especial o movimento obreiro e o movimento cha-utziano o cinquentenário da 2ª Aliá, juntamente com o 34º ano de fundação da Histadrut.

Passados 50 anos do início da 2ª Aliá, apresentase perante nós, claramente, o valor que teve essa aliá na formação do ishuv em Eretz Israel. Foram muitos os que, antes da 2ª aliá aportaram a Eretz e lá iniciaram uma obra colonizadora. Moisés Montefiore, os Biluim, Petach Tikva, Zichron Isaac, etc., porém se quisermos objetiva e seriamente situar o genesis da colonização judaica em Eretz Israel, este é sem dúvida a 2ª Aliá.

Os antigos Biluim, os homens da 1ª aliá, haviam perdido toda a fé na construção e colonização de Eretz Israel. Eles próprios haviam se transformado em «balebatim» das colonias que viviam à base do trabalho árabe, seus filhos eram enviados para estudar na Europa e assim parecia que toda a experiência da 1ª aliá havia sido uma aventura, a chama dos iniciadores se extinguiu.

1904. Os esforços do Sionismo Político em conseguir o «Charter» foram em vão. Surge a proposta de Uganda. O movimento sionista vê-se frente à crise de divisão. O sionismo russo revolta-se em massa contra a ideia de Uganda. A vida para os judeus na Europa Oriental tornava-se cada vez mais insegura. Os caminhos levavam os judeus para as Américas. Porém nem todos queriam fugir de um Ga'ut para outro. Havia necessidade de garantir o futuro do povo judeu e dessa necessidade nasceu a 2ª Aliá. Nasceu da revolta contra a miséria judaica e contra a base falsa da economia judaica no Ga'ut («luftparnoses»).

A 2ª aliá começou numa época de desespero e esperança; o entusiasmo revolucionário daqueles anos na Rússia havia ecoado fortemente nas aldeias judaicas, o abafamento da revolução e o recrudescimento do anti-semitismo e dos pogroms, fez grassar o desespero onde até então se alojara a esperança. Grupos de indivíduos, jovens judeus, encontraram um único caminho: Eretz Israel.

Hoje temos Medinat Israel, o movimento sionista e suas instâncias, colônias, cidades, estradas, porém há 50 anos atrás os homens da 2ª aliá encontraram um deserto, havia algumas poucas colônias com mão de obra árabe. Os donos judeus das colônias ironizavam os sonhadores que vinham construir Eretz Israel. Os sonhos daqueles jovens eram bem claros: havia a necessidade de se criar um proletariado judeu em Israel, e um futuro sólido para o povo. Imbuídos de uma vontade férrea e de um despreendimento revolucionário, os ex-pequeno burgueses empreenderam a luta pela conquista do trabalho judeu (Kibush Haavodá). Os homens da 2ª aliá demonstraram com sangue e suor, com sofrimentos e desespero, que apesar de tudo o judeu também pode ser um elemento produtivo, um proletário. Fixaram as bases do movimento operário judeu e da construção socialista em Israel.

A sua luta nacional e social era completamente diversa da dos outros povos do mundo. Eles tinham que criar tudo. Uma economia judaica, um operariado judeu. Não havia caminhos traçados, os moldes de luta dos movimentos de libertação nacional e social dos outros povos não se prestavam às condições específicas de Eretz Israel. Das circunstâncias específicas do país nasceu a necessidade da comuna agrícola — o kibutz — a ajuda mútua. A 2ª aliá criou a maior parte dos valores do movimento obreiro israeli — a comuna, a igualdade de direitos da mulher, o trabalho judeu, a Haganá, o movimento cha'utziano no Ga'ut, a preocupação por Kibutz Galilot e pela fusão das Diásporas em Eretz Israel. Foram eles quem colocaram as bases da Histadrut e da Mediná. Os partidos da 2ª aliá, Poalei Zion e Hapoel Hatzair foram os que mais tarde, em 1930, criaram o partido da classe obreira em Israel, Mifleguet Poalei Eretz Israel (Mapai).

A 2ª aliá foi por sua grandeza humana, por seu conteúdo moral e intelectual, por sua construção revolucionária, por suas conquistas, a enunciadora e a basificadora do Estado Judeu Socialista.

«... Começemos, pois, criando um espírito novo. Começemos aqui, exatamente neste lugar, que foi onde experimentamos a primeira derrota e sobre o qual viemos assentar os fundamentos. Começemos e acharemos o caminho.

Para aquele que entrega a alma a este ideal, é demasiado explicar-lhe que o difícil é a tarefa que o aguarda. Mas tampouco faz falta explicar-lhe até que ponto ela é necessária.»

ARON DAVID GORDON

Um dos homens da 2ª aliá.

ECONOMIA KIBUTZIANA

José Etrog

Sob o título «Economia Kibutziana», apresentaremos uma série de 3 artigos, nos quais analisaremos os fundamentos económicos do kibutz, com a finalidade de permitir a percepção do que é este complexo económico que se chama Kibutz. O artigo abaixo é o primeiro da série.

A existência conjunta e simultânea dos fundamentos da economia kibutziana não é casual. É fruto do trabalho e pensamento planeados do movimento obreiro israeli, que aspira a produtivização do povo judeu por meio de sua alia e colonização como obreiros em Israel. Resulta de um movimento colonizador cujas bases principais foram estabelecidas por um pensamento anterior. Assim, apesar de difícil a sua comparação com os meshakim agrícolas parecidos em alguns característicos, vale a pena fazê-la, pois a'ém de ilustrar o kibutz como ta', através da experiência dos demais povos, poderá sempre ajudar a fortificar e a melhorar esta realização que é o kibutz.

O primeiro fundamento característico da economia kibutziana é o MESHEK PRÓPRIO DOS TRABALHADORES. Isto significa que ai existem os meios de produção (terra, casas, máquinas, animais de trabalho, etc.) e as forças de produção (mão de obra, força de trabalho) unidos sob a direção dos operários.

Ao contrário, o meshek capitalista, onde os meios de produção são propriedade de um indivíduo, servindo para explorar o trabalho do operário, usufruindo assim da «mais valia». Na sociedade capitalista no mundo, no entanto, existem também «meshakim próprios de trabalhadores» e convém analisá-los. Na indústria não é grande a força económica do meshek próprio de trabalhadores e a encontramos sob a forma de oficinas de artesanato ou pequeninas fábricas.

Já na agricultura, a situação é diversa. Para analisarmos a importância do meshek próprio de trabalhadores, tomemos as seguintes estatísticas, referentes a países desenvolvidos da Europa Ocidental: eram de propriedade de seus trabalhadores, tendo grande importância na produção agrícola, na:

Alemanha—37% de sua área com 5.000.000 agricultores;
França — 25% de sua área com 2.500.000 agricultores;

Uma diferença fundamental se salienta na comparação entre o «meshek próprio dos trabalhadores» israeli e o dos demais países; e esta é a utilização neste, do trabalho assalariado. Sem dúvida, isto que é típico dos meshakim em outros países onde, por exemplo na Alemanha, mais de 50% destes o utilizavam, no meshek kibutziano não existe. (1)

Se ocorrermos lado a lado dois meshakim, um capitalista e um kibutzí, não encontraremos diferenças técnicas entre os dois, pois ambos possuem máquinas, casas, etc. Mas do ponto de vista económico-social há uma diferença capital. No kibutz o património é meio de produção dos trabalhadores e o seu aproveitamento é em benefício exclusivo dos mesmos. No me-

shek capita lista, o património é capital e o seu aproveitamento é o lucro ou seja, parte do trabalho do operário; «mais valia» portanto, e este património destina-se a exp'orar o trabalhador assalariado.

Também no meshek kibutzí cria-se um saldo que resulta da diferença entre as entradas e os gastos de subsistência e produção. Mas este saldo, ou lucro, é criação do trabalho próprio. Ao contrário, no meshek capitalista ãe é fruto da exploração de trabalho alheio. O meshek do agricultor europeu, em um principio não é capita lista, mas com a introdução do trabalho assalariado, tende a transformar o trabalhador dono do meshek, em capataz, assumindo o caráter de explorador de trabalho alheio.

Nós dizemos que o kibutz é mais proletário e sua expressão é o pertencer a Histadrut Haovdim, pois foi ela que criou e desenvolveu os kibutzim. Não servindo o património do kibutz para exploração de trabalhadores assalariados, existe fundamento para uma união completa entre este e aqueles que não possuem meios de produção próprios, dentro da Histadrut Haovdim. Isto não seria possível se o kibutz explorasse o trabalho assalariado, pois não se poderia reunir sob o mesmo teto, o trabalhador e o patrão por causa do choque económico-social das duas classes. E isto, porque o trabalhador assalariado exigiria o recebimento do resultado total de seu trabalho e o kibutz desejaria, como explorador, reter parte do trabalho do assalariado.

As estatísticas mostram a grande importância económica que têm em Israel os meshakim kibutzianos, ou seja, meshakim próprios de trabalhadores. E mostram também o mesmo desenvolvimento e tendência dos meshakim próprios europeus nas moshavot, que apesar de terem utilizado dinheiros públicos estão se transformando em meshakim capitalistas, pela utilização muitas vezes total de trabalho assalariado. E estas moshavot inclusive perderam o espírito colonizador que as animou no principio.

O segundo fundamento característico da economia kibutziana é o MESHEK GRANDE. O que o define é a associação de muitos trabalhadores na base de divisão do trabalho, ao contrário do meshek pequeno que conta com o camponês e sua família apenas.

Nos países desenvolvidos da Europa e nos Estados

1) Os movimentos kibutzianos utilizaram, no período de transição dos últimos anos, por imperativos nacionais de produção e de solução do desemprego o trabalho assalariado, mas este se encontra em fase de extinção e, o que é mais importante, não usufruiu o kibutz da «mais valia» decorrente deste trabalho assalariado.

Unidos, somente meshakim capitalistas se assemelham em tamanho aos kibutzim e empregam muitos trabalhadores sob a administração de especialistas. Na Inglaterra, por exemplo, há 12.000 fazendas maiores que 1.200 dunams e que ocupam $\frac{1}{4}$ do território. Nos Estados Unidos, 250.000 fazendas maiores que 2.000 dunams ocupando 30% do território. Assim, nossos kibutzim, com milhares de dunams e centenas de trabalhadores são considerados grandes, mesmo nas proporções destes países.

Estes dois conceitos, de meshek próprio dos trabalhadores e meshek grande encontramos nos mais diversos países. Porém encontram-se separadamente: nunca os temos juntos e simultâneos a não ser o kibutz e na Rússia. Convém pois analisar a forma como são encontrados na Rússia.

Podemos dizer que praticamente toda a agricultura russa encontra-se em mãos dos kolhozim (coletivos) e sovhozim (estatais), já que menos de 1% de sua terra arável foi trabalhada por meshakim pequenos.

No estudo comparativo entre o Kolhoz e o kibutz encontraremos pontos comuns e pontos diametralmente opostos. O kolhoz é um meshek grande e seu patrimônio é propriedade coletiva de todos seus chaverim. O meshek é dirigido por uma direção eita. O mesmo sucede com o kibutz. Os ramos de trabalho do kolhoz são dirigidos por membros nomeados pela direção. No kibutz, os trabalhadores de cada ramo indicam seu responsável. O consumo no kolhoz não é comum, e sim individual; todo membro tem um pedaço de terra para seu consumo, onde planta verduras, árvores frutíferas e forragem; animais domésticos são limitados pelo regulamento do kolhoz; este deve fornecer animais de trabalho para a área à disposição do associado. A lei obriga a estes um mínimo de 60-100 dias de trabalho por ano para as terras comuns. Sem dúvida uma parte grande de seu tempo emprega o membro do kolhoz em seu pedaço de terra, já que lhe é permitido vender os seus excessos de produção no mercado.

A unidade de pagamento do kolhoz é o dia-trabalho, que não é igual para todos pois seu valor depende de 2 fatores: a) natureza do trabalho executado; b) produtividade (oscilações em torno do mínimo estabelecido). Esta unidade de pagamento varia de 0,5 a 2 ou mais.

No kibutz é totalmente diverso. Já que no kibutz o princípio que vigora é: «de cada um segundo sua possibilidade e a cada um segundo sua necessidade», o consumo é comum e não individual. Não há paga por trabalho e o benefício não depende da habilidade ou da ligeireza com que cada um é capaz de executar um trabalho e sim de suas necessidades. O mais capaz não usufrui maiores benefícios que o menos capaz. Os filhos do mais forte ou do mais agil não obterão melhores condições que qualquer outro.

No kolhoz, as máquinas agrícolas não lhe pertencem. São de propriedade do governo e estão concentradas nas «Estações de máquinas e tratores» que prestam serviços. O fato destas estações encontrarem-se em mãos do governo permite influir na economia dos kolhozos. No kibutz, as máquinas agrícolas acham-se no mesmo, sob direta orientação de seus próprios chaverim.

Há ainda que destacar que enquanto no kolhoz o pertencer ao mesmo é compulsório, no kibutz a asso-

ciação é totalmente livre e o mesmo está aberto, em qualquer fase de seu adiantamento, para imediata absorção de novos membros, com iguais direitos aos dos mais antigos.

A outra forma de meshek grande, encontrado na U.R.S.S. é o Sovhoz, em geral maior que o kolhoz. Neste sovhoz, o meshek não pertence ao trabalhador mas sim à nação. É dirigido por uma direção nomeada pelo Departamento de Agricultura da Região. Todo trabalhador possui casa, um pedaço de terra, vacas, ovelhas, etc., e é assalariado do sovhoz. Constituem uma importante fonte de produção agrícola, estão espalhados por todo o país e são uma forma de difundir a técnica agrícola moderna, fornecendo também sementes e animais selecionados.

O terceiro fundamento da economia kibutziana é o de MESHEK MIXTO DE AGRICULTURA E INDUSTRIA. Nós assim o chamamos porque nele existe não só a agricultura, mas também indústria, artesanato, serviços públicos, etc. Como fonte de renda, encontramos ainda a Avodat Chutz (trabalho assalariado no exterior do kibutz) nos empreendimentos que não pertencem ao kibutz e que são propriedade de particulares, organismos públicos e governamentais. Perante estas instituições figura o chaver do kibutz como trabalhador assalariado.

E outra vez comparemos, perguntando se isto é típico do kibutz ou se encontramos assim nos demais países?

Na Checoslováquia, Alemanha, França e outros países encontramos nas fazendas, grandes fabricas de açúcar, cerveja, conservas, moinhos, etc. Pertencem a indivíduos e a fazenda fornece a matéria prima, embora a maioria da mesma venha de fora e esta produza outros produtos. Apesar de que muitas indústrias nos kibutzim não recebem a matéria prima do próprio meshek, podemos dizer que são semelhantes, pois tanto em uns como outros, a indústria é organizada e dirigida como um anaf (ramo) especial e ao mesmo tempo está ligada, organizacional e economicamente, ao meshek todo.

A indústria ligada à agricultura é encontrada também nos meshakim de trabalhadores de países europeus. Especialmente as indústrias que não exigem grande mecanização e não encontram perigo de concorrência com a indústria capitalista, pois então não poderiam manter-se, dado o pequeno número de pessoas que trabalham. Como exemplos, pode-se citar a Bélgica (onde camponeses trabalham com tecelagem) e Suíça (onde camponeses trabalham com relógios e tecelagem artística).

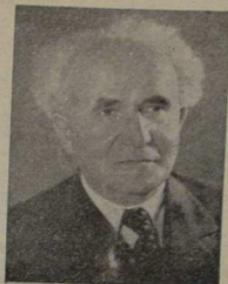
Também a Avodat Chutz é encontrada nos meshakim de trabalhadores de outros países, constituindo-se muitas vezes em sua principal renda. Segundo estatísticas de antes da guerra, na Alemanha havia 55% de trabalhadores de meshakim pequenos, em Avodat Chutz. Na França, 3.000.000 de meshakim têm proprietários que são agricultores e proletários. Também nos kolhozim é grande o valor da Avodat Chutz; seus membros trabalham nas «Estações de Tratores», celebram contratos coletivos de trabalho com indústrias vizinhas, etc.

Se centenas de chaverim de kibutz trabalham nas moshavot, nas indústrias, nas construções, nos empre-

(Continua na pág. 15)

Nossa fraqueza e nossa força

DAVID BEN GURION



A dispersão dos judeus no mundo, a difusão da Bíblia no seio de todos os povos, a posição específica de nosso país na história e na cultura cristã e muçulmana, não são os únicos fatores que atribuem a Mediana Israel uma responsabilidade suplementar.

O próprio fato da existência e futura segurança do Estado dependem da descoberta e ativação das qualidades superiores, morais e intelectuais, encerradas no povo judeu e na fixação da personalidade da nação que se renova em sua pátria antiga, como uma luz para os gentios.

Devenos ver em toda sua simplicidade, um fato fundamental e decisivo: o sermos um povo pequeno no aspecto quantitativo, sem qualquer possibilidade de que nosso número e nossa força material, econômica e militar, nos capacitem em qualquer época o sermos mais fortes que nosso inimigos, ou pelo menos, igualarmos-nos ou aproximar-mo-nos de forma acentuada.

Antes da 2ª Guerra Mundial alcançou nosso número no mundo inteiro, aproximadamente 17 milhões. E segundo nosso conhecimento, é este o número máximo que alcançou o povo judeu em qualquer época. Apesar da antiguidade de nosso povo, este foi sempre pequeno e não cresceu nos milhares de anos quando outros povos cresceram. Nos tempos de Mohamed Ali, há uns 1500 anos, os egípcios eram uns 2 milhões; hoje eles são mais que 20 milhões. Em 1545, o povo inglês tinha 3,2 milhões, somente o dobro de judeus de então. Conta agora com cerca de 50 milhões e isto depois que milhões de seus filhos difundiram-se por todas as partes do mundo e construíram os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, que contam atualmente com cerca de 200 milhões de habitantes.

Segundo estimativas de técnicos reconhecidas, contava toda a população do mundo, na época da destruição do 2º Templo, com 275.300 milhões de seres.

No Império Romano contava-se com 4-5 milhões de judeus e em Eretz Israel, 2-4 milhões mais. Na terrível Idade Média, foram exterminadas grandes massas judias e na época da expulsão dos judeus de Espanha e descoberta da América (1492) havia no mundo, segundo Sh. Rupin, somente 1,5 milhões de judeus, metade dos quais na Europa e a outra metade na Ásia e África. Em 1150, calcula-se que a população mundial era de 470-500 milhões; o número de judeus era de cerca de 2 milhões, ou seja 0,4% da população mundial. Quer dizer que até então, perdemos 80% de nossa importância relativa em relação a situação no fim do 2º Templo.

No fim do século XVIII, havia no mundo 1.000 milhões de pessoas. O número de judeus alcançava a 2,5 milhões ou seja, 0,25%; isso significa nova, perda de 15% em relação a 1650. No fim do século XIX, alcançava a humanidade 1.600 milhões, o número de judeus era de 10,5 milhões, ou seja, 0,66%. Antes da 2ª Guerra Mundial alcançou a população mundial 2.000 milhões dos quais 16,7 milhões eram judeus, ou seja, 0,83%. A destruição e o massacre dos judeus europeus pelos nazistas e seus aliados, durante a 2ª Guerra Mundial, diminuiu de 1/3 o povo judeu. No fim da primeira metade do século XX (1950), alcançou a população mundial 2.200 milhões, dos quais 11,5 milhões de judeus ou seja, 0,52%; isto é, 1/4 da porcentagem do fim do 2º Templo.

Porém estas estatísticas não representam verdadeiramente nossa situação numérica. Não podemos esquecer que mais de 85% dos judeus (uns 10 milhões) estão dispersos em todas as Diásporas e que do ponto de vista político e econômico estão sob espírito alheio. Dois e meio milhões de judeus, 1/4 dos judeus do Galut, estão encerrados nos países do bloco soviético e completamente desligados do resto do povo judeu e não há que medir a força de Israel pelo número de judeus do mundo e nem aceitar o número de judeus em Eretz como índice fixo e final. Na proclamação do Estado de Israel eramos somente 650.000 judeus. Durante 6 anos e meio desde então, crescemos de 130%. E não há dúvida, que uma boa parte dos judeus da Diáspora — não há quem seja capaz agora de fixar seu número — se estabelecerá em Israel, mais cedo ou mais tarde, porém por ora não somos em Israel mais que 1,5 milhão, dentro dos 85 países independentes do mundo, Israel encontra-se no 69º lugar, segundo seu número de habitantes. Há quatro países no mundo cu a população é maior que 100 milhões de habitantes: China, com 475 milhões, Índia, com 360 milhões, U.R.S.S. com 208 milhões e Estados Unidos com 162 milhões. Há 30 países cujas respectivas populações possuem mais de 10 milhões e entre eles, também um país árabe (Egito). Há ainda 30 países que contam com populações maiores de 2 milhões de habitantes e entre eles, 4 países árabes: Arabia Saudita, Irak, Iemen e Síria. Somente 15 países no mundo têm sua população menor que a de Israel e entre eles 2 países árabes: Jordânia e Líbia. O Líbano iguala-se a Israel ou suplanta ligeiramente. (Nestas relações não incluímos os minúsculos países como Liechtenstein, San Marino, Mônaco ou Cidade do Vaticano).

O peso quantitativo de Israel há que se medir principalmente nas proporções dos países árabes vizinhos: Egito e Líbia, Jordânia e Irak, Síria e Líbano, Arábia Saudita e Iemen. Estes 8 países contam com 42-45 milhões de habitantes. Os judeus de Israel são somente 3,5% da população destes 8 países. Para cada judeu em Israel há nestes países — que a qualquer momento poderão unir-se contra nós — cerca de 30 árabes.

O povo em Israel crescerá por meio da aliá e pelo próprio crescimento natural porém, na melhor das hipóteses, é difícil crer que sua população ultrapasse os 10% dos habitantes dos países árabes. Há ainda 4 países árabes que atualmente não são independentes, mas isto é apenas uma questão de tempo. É o Sudão, Tunísia, Argélia e Marrocos, que contam com cerca de 30 milhões de habitantes dos quais 1,5 milhão são franceses e italianos. É necessária uma aliá não pequena para igualar o crescimento natural dos países árabes. Portanto não somente no presente, mas também no futuro devemos nos ver como um povo pequeno em população, em comparação com estes povos.

A isto, há que acrescentar um segundo fato: nós somos um povo único e isolado na família dos povos. A maioria dos países do mundo pertencem a grupos de povos ligados entre si por religião, raça, língua, origem, vizinhança geográfica. O «Comomwealth» britânico (Inglaterra, Canadá, Austrália e Nova Zelândia), têm como elo comum, a língua, a origem e a organização estatal. Os povos escandinavos são próximos de raça, língua, religião, cultura. Os povos latino-americanos têm comum a língua e a origem. Há liames de religião entre todos os povos muçulmanos, inclusive os que não falam árabe. Há uma certa ligação entre os povos católicos sob a disciplina religiosa e moral (e às vezes política) do Vaticano. As «democracias populares» na Europa Oriental estão sob a disciplina factual do governo de Moscou, apesar de que a Hungria, Rumania e Albânia não se am de origem eslava. O povo judeu não possui próximos, e está só no mundo e o Estado de Israel é o único no gênero. Todos os povos bíblicos que nos eram próximos de raça e língua — Adom, Moav, povos de Canaan — desapareceram sem deixar vestígios. Os vizinhos geográficos de Israel e com os quais temos certa proximidade de linguagem, e origem semita comum são, por ora, os piores inimigos possíveis. E apesar de que não há a menor dúvida que dia virá e paz será celebrada entre Israel e os povos árabes, e surgirá ação comum, política, econômica e cultural entre todos os povos do Oriente Médio, não há nenhuma segurança de que este dia esteja próximo.

Os aliados naturais que possui a maioria dos povos no mundo, não os possui Israel. Grandes nações arrastam atrás de si outros países por sua potência militar e riqueza material. Há países sem valor, que nenhum homem respeita, porém são observados pela sua grande área e qualidades geopolíticas. Assim é a maioria dos países árabes. Israel não possui tais qualidades no presente e não há muitas probabilidades que venha a tê-las no futuro. Sua área é pequena, sua população desprezível, pequeno patrimônio, possibilidades econômicas limitadas, exército aprimorado porém pequeno. **A POSSIBILIDADE DE ISRAEL, CONQUISTAR PARA SI UM HONROSO LUGAR NA**

FAMÍLIA DOS POVOS DEPENDERA ÚNICA E EXCLUSIVAMENTE DE SUAS QUALIDADES ESPIRITUAIS.

Diremos com justiça que não somente de pão vive o homem. Porém, não menor verdade, será dizer que não somente de espírito vive um povo. Este foi o erro fundamental dos pregadores do «Centro Espiritual em Israel» (§), pois não acreditavam na possibilidade de um Estado Judeu e na criação de uma classe obreira judaica e sem ela, não poderia existir o Estado. Porém, eles também não entenderam que sem isto, não haveria o Centro Espiritual. Sem terra sob os pés, sem um povo auto-suficiente, sem um patrimônio nacional, sem independência estatal, sem força militar capaz de defender sua segurança, sem a existência e segurança do povo (enquanto não existir um governo mundial) — não há também base para cultura e espírito de um povo. Toda diferenciação entre espírito e matéria é aérea e abstrata; de qualquer forma não na vida e na história da humanidade.

Os gênios do mundo que iluminaram milhões de seres humanos em todas as gerações — Moshe Ben Amram, Sudarta Gotama (Budá), Colômbio, Leonardo da Vinci, Shakespeare, Einstein e outros — não poderiam existir e agir sem aquelas mesmas necessidades diárias de todo homem. E o projétil que é capaz de tirar a vida do homem comum foi capaz de terminar a vida de um homem como Ghandi. A constituição física e as necessidades materiais dos sábios não são diferentes das dos homens comuns. Apesar de que os grandes da humanidade foram obrigados a comer e a beber como quaisquer outros, elevaram-se sobre milhões e milhares dos de suas e das sucessivas gerações, pelas excepcionais qualidades que possuíram, por causas que não são claras para nós e eles conquistaram a admiração e o amor dos povos e lideraram gerações atrás de si.

A lei que se aplica sobre o indivíduo, aplica-se também sobre o coletivo. Como o homem, assim o povo, não há espírito sem corpo — em todo caso, não sem terra, e não há povo capaz de elevar-se e criar cultura e sociedade que ilumine os povos e conquistar seus corações, se sua estrutura material, territorial, econômica e política não for completa, organizada e baseada suficientemente.

Há povos para os quais basta estrutura econômica suficiente e não têm necessidade (e talvez não tenham possibilidade) para esforços, espirituais superiores, assim como há indivíduos que se satisfazem com o pão de cada dia. Isto não basta para o povo judeu. Ainda mais: a estrutura material, territorial, política e econômica não existirão sem uma cultura superior e sem uma sociedade completa e justa. **SOMENTE COM A SUPERIORIDADE DE NOSSA QUALIDADE PREENCHEREMOS AS FALHAS DE NOSSA DIMINUTA QUANTIDADE.**

Ousamos e nos lançamos em uma aventura histórica única e não há outra igual na história dos povos. Renovação do povo desligado 2.000 anos de sua terra, espalhado, ofendido, odiado, perseguido, suportado com dificuldade pelos outros, calcado em seu espírito, em sua língua, em sua cultura, separado em tribus e agrupamentos distantes entre si milhares de quilômetros e centenas de anos — e transformá-lo em um povo vivo em sua terra, independente, unido e concentrado em sua cultura, confiante em si, respeitado e honrado pe-

los outros, membro com iguais direitos na família dos povos livres.

Que não ouse dizer um de nós que isto já está realizado com a proclamação do Estado e com a vitória da Tzvá Haganá Leisrael em 1948. Não solucionamos ainda sequer um dos três problemas mais agudos dos quais depende nossa existência física: problema da segurança, independência econômica e a fusão das diásporas. E acima de tudo, não concentramos até hoje senão 13% do povo judeu em Israel, e não podemos dizer sequer que o pouco que existe é um povo no verdadeiro sentido da palavra. Nossa revolução nacional está ainda no princípio, e ela não se completará e não se concretizará, se não realizarmos duas revoluções complementares: REVOLUÇÃO NA NATUREZA DO PAIS e REVOLUÇÃO SOCIAL NO POVO. Não mudaremos a ordem da evolução histórica do povo judeu se não modificarmos a conformação físico-territorial da pátria e a ordem econômico-social do Estado.

Quem souber observar os verdadeiros objetivos das realizações por nós alcançadas durante as 3 últimas

gerações e que levaram ao estabelecimento de Israel e da nova posição de nosso povo no mundo em suas primeiras fases, verá que estes fatos estavam orientados para a dupla transformação — a da natureza e a da sociedade — que somente com ela se realizará nossa revolução nacional. Somente na medida que tivermos sucesso em realizá-la e modificarmos a estrutura social dos que retornam a Israel e sua natureza, chegaremos a esta proporção de independência nacional que alcançamos até agora. E poderemos concretizar nossa aspiração histórica da redenção do povo, somente se o fizermos dentro da concentração das Diásporas, a revolução da Natureza e da Sociedade. A primeira condição para tal — superioridade do trabalho e espírito criador do homem judeu em Israel.

Sdê Boker, 3.12.54.

(§) Nota do tradutor: Achad Haam foi quem apresentou esta ideia de criação em Israel de um «Centro Espiritual», pois acreditava impossível a concentração das Diásporas.

ECONOMIA KIBUTZIANA

(Continuação)

gos governamentais, executam simplesmente uma das bases de renda dos meshakim próprios de trabalhadores em todos os países.

No desenvolvimento dos meshakim nos países desenvolvidos, há especialmente os seguintes casos: o caso em que a área possuída pelo trabalhador é pequena e ele não possui meios para explorá-la; neste caso parte de seu trabalho é utilizado como trabalhador assalariado na cidade. Isto constitui uma espécie de «meshek mixto» que se cria com a «ida do campo para a cidade».

Há também o processo inverso, quando o operário da cidade compra pequena área de terra, auxiliado e estimulado pelo governo, constituindo assim um «meshek mixto» que se cria com a «ida da cidade para o campo».

Entre nós, no movimento kibutziano, podemos ilustrar com o exemplo de dois kibutzim que são característicos, Guivat Hashloshá e Iagur. Os dois possuem chaverim em Avodat Chutz, porém seu desenvolvimento foi distinto.

Em Guivat Hashloshá um grupo de operários assalariados conseguiu terra, construiu um kibutz e parte continuou trabalhando como operários assalariados. Criou-se o meshek através da transferência do trabalho assalariado para trabalho próprio.

Diferente foi Iagur; neste, resolveram introduzir como ramo de trabalho a Avodat Chutz, e uniram-se para tanto com um grupo de operários assalariados da cidade. Criou-se o meshek como combinação com a «ida do campo para a cidade».

Continua na próximo número.

ASPECTO DE UMA SESSÃO DO SEMINÁRIO SUL-AMERICANO, REALIZADO EM NOVEMBRO ÚLTIMO, NO BEIT BERL KATZENELSON



SIONISTAS GERAIS

Nachman Falbel

Verificou-se nestes últimos anos uma modificação de forças no panorama político de Israel, que consistiu na agrupação dos partidos da esquerda e da direita em partidos grandes, representando as classes sociais do país. Neste fenómeno geral, cabe destacar a súbita ascensão dos Sionim Clalim, ao ponto de transformar-se no segundo partido político do país, com uma aguerrida ideologia para justificar os seus propósitos. Quais são as causas desta transformação? Como se apresentam os Sionistas Gerais? Quais são seus fundamentos ideológicos? Isto é o que nos cabe explicar.

Como um traço geral dos partidos políticos israelitas, os fundamentos da ideologia e do programa político dos Sionim Clalim foram elaborados no Galut; com a emigração judia a Israel organizou-se o partido como organização local, mantendo-se porém no centro de origem, isto é no Galut, onde quer que houvesse comunidades judias.

I. — Desde o início da colonização judia em Israel, a partir da assim chamada primeira alia e mais acentuadamente durante as aliot subsequentes, o caráter da construção do país foi nitidamente obreiro. Não somente que os primeiros colonizadores saíam das fileiras dos partidos operários do Galut, arrojando-se na conquista do deserto e do trabalho judeu, mas que o fruto deste arrojio, a economia, a organização social, o património gerado pe'o trabalho pertencia ao obreiro, sendo esta a classe que definia o ressurgimento material e espiritual de Israel. O chalutz, o pioneiro judeu, era em última instância, o obreiro disposto ao sacrificio da colonização.

A partir da quarta alia, o caráter da imigração judia modifica-se sob certos aspectos, sendo que paralelamente à colonização obreira, unia-se a imigração da pequena e média burguesia judaica, oriunda de países europeus. Naturalmente a consequência foi a formação de uma classe de pequenos comerciantes, pequenos industriais que favoreceram a criação de cidades e a ampliação das que já existiam.

Este processo se estende e se aprofunda com a grande alia, que se deu com a criação do Estado. Se bem que esta última alia, composta de um elemento humano fruto da última Guerra Mundial, não fosse acompanhada em grande parte, de capital, e'a trouxe em si a vontade de criar capital, porém não sob a forma de colonização obreira e nem sob o lema do obreirismo ou da produtivização. Ao contrário, esta alia se identificou com as aspirações da burguesia israelita, já existente de há algum tempo.

A primeira conclusão que podemos tirar acerca do que descrevemos é que o equilibrio das classes em Israel sofreu uma grande modificação a partir da quarta alia, favorável à burguesia, em relação ao período anterior. O desequilibrio produzido entre as classes sociais se reflete na vida politica e na própria configuração dos partidos políticos.

O património criado pelas primeiras aliot, de caráter pioneiro, a Histadrut e o movimento Kibutziano, deu inteiro dominio politico aos partidos obreiros, Achdut Avodá, Hapoel Hatzair (mais tarde se uniram formando o Mapai), que constituíram a força mais responsável dentro do Sionismo de então. Assim como o património criado pelo burguesia, que nasceu das últimas aliot, trouxe novos partidos políticos (de existência insignificante), refletindo a nova situação gerada.

E assim que vemos os Sionim Clalim surgirem no cenário da criação do Estado e principalmente após. De 7 mandatos na primeira Knesset, passam os Sionim Clalim para 22 mandatos na segunda, transformando-se no segundo partido do país. As estatísticas mostram que com 12.000 membros inscritos em 1949, apresentam-se os Sionim Clalim em 1954, como um partido de 53.000 membros. Sem nenhuma tradição de luta ou conquistas no país, passam os Sionim Clalim a serem um partido de proporções consideráveis, em pouco espaço de tempo, devido às condições que já descrevemos.

II. — No Galut a situação se apresenta, sob alguns aspectos, de modo diferente.

Toda a luta dos partidos políticos no Galut, que se faz em redor da Organização Sionista, se basea sobre um esquema sociológico diverso do de Israel. Não existem atualmente classes no seio do povo judeu disperso na Diáspora, pois o deslocamento do centro de judaísmo da Europa para as Américas, por diversas causas confinou o povo judeu a uma única classe social. No que resulta o fenómeno de que as ideologias dos partidos não possuem um fundo real de classe, que espelhe condições sociais diferentes entre os judeus das comunidades espalhados nos países da Golá. Ao contrário dos partidos da Europa (principalmente da Europa Oriental) que se cristalizaram nos primeiros anos do surgimento do Sionismo.

Porém os diversos partidos sionistas subsistem, se bem que de uma maneira geral débeis, ideologicamente são diferentes entre si, devido:

1) a força da tradição político-partidária europeia, que faz com que o antigo proletário judeu da Galitzia, vivendo como burguês na América mantenha-se num partido de ideologia obreira;

2) a reflexo, com a consequente influencia da vida político-partidária que se passa em Israel.

Mas apesar disto, podemos afirmar que devido a estrutura do povo judeu, situado na classe burguesa, tendem os partidos da direita a receberem um natural apoio das massas.

E isto permite uma posição vantajosa dos Sionim Clalim perante os demais partidos sionistas. É o que se observa principalmente nos Estados Unidos, onde se concentra a grande percentagem do judaísmo occidental. Daí concluirmos que até uma determinada

etapa, a força dos Sionim. Clalim esteve situada no Galut e somente numa proporção ínfima em Israel (§).

III. — A própria situação social do povo judeu fornece pois naturalmente os elementos ideológicos para o Sionismo Geral. A discussão já iniciada nos primeiros Congressos Sionistas, ou seja entre a do Sionismo Herzliano (político) e a do Sionismo Prático, Integral de Weitzman, correspondia a um fundo social diferente entre uma e outra posição ideológica ou melhor, à uma situação social diferente entre o judaísmo ocidental e o oriental. Em última instância, as discussões dentro do Sionismo organizado, aprimoradas mais tarde, foram fruto da posição das classes judias que interpretavam de acordo com sua consciência o problema nacional judeu. A constatação de Borochof, que diz que a posição da classe social se faz sentir na maneira de encarar, interpretar e solucionar a questão nacional é profundamente verdadeira.

IV. — Assim como é verdadeira a afirmação de que a questão nacional não elimina o problema social, ou o choque das classes, mas ao contrário, a solução do primeiro é diretamente dependente da solução do segundo, se pretende ser uma solução integral.

Com isto, é evidente a inevitabilidade da existência dos partidos, bem como as aspirações classistas que encerram as ideologias destes partidos. E não existe outra coisa aquém ou além.

Estabelecido isto, podemos compreender quão frágil se mostra a posição do Sionismo Geral, quando afirmarmos o seu programa ideológico o apregoamento do «Sionismo puro», do «programa de Basileia», ou mais claramente do sionismo sem interesses de classes». Este «sionismo puro» dos Sionim Clalim nasceu de uma forma muito inocente, como inocentes eram os Sionim Clalim antes de se organizarem em um partido e um partido de classe. Mas quando o inevitável ocorreu, isto é, quando se organizou o Partido dos Sionistas Gerais, este «sionismo puro» transformou-se num slogan que tenta encobrir os interesses da burguesia judaica na solução do problema nacional.

Alis, como era de se esperar, os «inocentes» organizados em partidos dirigiram logo de início, seu ataque aos partidos sionistas de esquerda, em nome do já visto «sionismo puro», «sem interesses de classes». O socialismo judeu, foi visivelmente criticado, sob a luz dos mais diversos prismas e ordens de pensamentos: ético, político, filosófico — mas com a intenção clara e firme de impedir que seja realizado em Israel. É natural que em troca ofereciam algo melhor do que o socialismo, tais coisas inocentes como a livre iniciativa, os direitos dos homens no exercício de suas profissões, incluindo as de comerciantes, industriais, etc. e certamente também a ... democracia, que integra a plataforma ideológica dos Sionim Clalim. Porém isto não é o pior, uma vez que a burguesia seja uidaica ou não, tem «coisas» a oferecer em troca do Socialismo. A exclusão dos princípios ideológicos decorrentes de seu alicerce fundamental — o «sionismo puro» — levou os Sionim Clalim à algumas situações, que seria imperdoável omitirmos na análise que fazemos do partido.

É fato incontestável que na construção judia que se faz em Eretz, a colonização se baseia no chalutz, no pioneiro que renasce o deserto e que constitui um tipo

humano não somente específico pelas tarefas, pelo modo de vida, pela mentalidade, como pe a missão que cumpre. Assim a expressão «chalutzim» pioneirismo encerra em seu significado, um determinado tipo de homem próprio, com uma tarefa própria imposta pelo caráter da colonização judia, — em seu gênero, única no mundo, passado e presente. Não significa chalutz o que emigra para Israel, lá se estabelece, mas somente o é aquele que através de sua consciência está disposto ao sacrifício na conquista do deserto, na colonização. Em oposição a este conceito, acentuam os Sionim Clalim que a palavra chalutz não é privilégio do operário ou do camponês judeu, mas que o industrial e o médico de Tel-Aviv, são merecedores de usar o mesmo termo para designar as suas tarefas.

Chalutzim para o Sionismo Geral é fazer pioneirismo ou colonizar Tel-Aviv. Alguns aspectos da ideologia Sionista Geral, além dos que já vimos, são próprios da burguesia em geral. Costumam os Sionistas Gerais afirmar de que falam em nome de todo o povo judeu com a intenção de representá-lo, quer porque usam a palavra geral em seu sionismo e em sua ideologia, quer porque se consideram acima de todos as questões partidárias. A forma de apelar à unidade nacional, a nação sem divisões e lutas internas, são os lemas políticos de que os burgueses tem se servido abundantemente para o desenvolvimento pacífico da propriedade privada. Assim devemos compreender o significado dos relativos que os Sionim Clalim têm-se dado; partido «a união de classes», e partido «acima das classes». E um meio tático, que quando usado pela burguesia tem uma clara razão de ser. É a maneira de conservar a confusão social, encobrindo-a com palavras calmas e bondosas. Ao mesmo tempo é uma arma que usam para espantar o fantasma que os persegue eternamente: os partidos de esquerda. Com todos estes traços, o partido Sionista Geral é pobre em ideias e sua ideologia além de alguns princípios clássicos, abstem-se a uma visão e crítica prática das coisas. Com muita razão, tem sido denominado de partido dos «economistas», pois de fato o sua atividade é quase inteiramente dirigida neste sentido, uma vez que a defesa da livre iniciativa e da propriedade privada são o que decidirá de sua existência como classe social e como partido.

O fato é que muitos, politicamente não esclarecidos, foram arrastados pelos slogans dos Sionistas Gerais, ingressando em suas fileiras. Afóra o fato constatado que o aumento deste partido se deve à sociologia do povo judeu no Galut, e às circunstâncias ligadas à última aliá de massas para Israel. No primeiro caso, o esclarecimento e a educação política são as armas para fazer frente à situação; no segundo, é a força do operário e do camponês judeu no desenvolvimento social e econômico de Israel que poderá decidir, pois se trata dos rumos de um Estado Judeu, socialista ou não.

(§) Sionim Clalim eram chamados todos aqueles que não pertenciam à nenhum partido sionista. Daí o nome de sionista geral, isto é, sem ideologia partidária.

Movimento operário nos Estados Unidos

Ervin Semmel

Apesar de que imigrantes alemães introduziram as primeiras ideias socialistas e marxistas nos Estados Unidos já em meados do século passado é que o assim chamado Partido Social Democrático data de cerca de três quartos de século, o movimento socialista neste país está num de seus pontos mais baixos. É verdade que nunca chegou a representar e receber o apoio de parte considerável, seja da classe operária, seja da população em geral, porém houve ocasiões, como por exemplo durante a 1ª Guerra Mundial e no começo da década de 1930, em que sua existência e ação foi muito mais forte e incisiva que agora.

Imediatamente surge a pergunta do porque está nesta situação o movimento socialista americano, considerando-se que os Estados Unidos, além de ocuparem uma posição absolutamente privilegiada e de primeira grandeza no cenário econômico mundial, e portanto também no político, é sem dúvida o país hoje em dia mais altamente industrializado e considerando-se também que estas circunstâncias criaram e possibilitaram a existência de uma classe operária numerosa e grande.

Dește porque trataram e escreveram homens e autores, em sua grande maioria com uma concepção completamente idealista da história e que com teses inconsistentes à uma análise mais profunda tentaram, além de analisar a situação, mostrar desesperadamente que o socialismo está, nos Estados Unidos, «ultrapassado pelas circunstâncias». Com justiça a irritação chega ao máximo quando, através desta análise e numa ridícula generalização, tentam demonstrar a falência, na atual fase da sociedade, da concepção materialista da história e do socialismo.

Não nos propomos num espaço tão reduzido e sem a possibilidade de um longo e profundo trabalho, fazer um estudo completo do problema. Creemos porém que alguns considerando mesmo superficiais, justamente sobre o ponto de vista fundamentalmente econômico, podem dar algumas explicações do porque a classe operária nos Estados Unidos ainda se acha no estágio de evolução que Marx chamava «an sich» (§), porque sua organização e luta sindical tem apenas objetivos reformistas e completamente imediatistas e porque, apesar de existirem diversos agrupamentos e partidos políticos de orientação esquerdista, nenhum deles possui o mínimo papel de relevância na luta de classes e no desenvolvimento político e social que o país atravessa. Esquemmatizando:

1) No aspecto histórico-econômico: A colonização americana se deu em solo sem nenhum traço de civilização, selvagem, sem tradição e sem história. Praticamente a estrutura social-econômica dos Estados Unidos foi importada do velho continente, com todos os seus moldes, através da imigração. Ao contrário da Europa, que passou por estágios históricos anteriores ao capitalismo (regime escravagista e feudal) tal não se deu na América. A clássica revolução burguesa teve ali por objetivo principal a luta contra o sul-escravagista. Houve ainda uma quase insignificante oposi-

ção por parte de pequenos fazendeiros e artesãos ao regime que nascia. Ao pisar o solo do Novo Mundo a burguesia já trazia as conquistas de classe que fizera no continente europeu. Isto permitiu um desenvolvimento relativamente fácil e sem freios do capitalismo americano.

Devemos recordar ainda, sob o aspecto histórico, que a classe operária que então nasceu na Europa, não possuía ainda experiência para fazer frente ao rápido desenvolvimento da burguesia.

2) No aspecto geográfico-econômico: A área geográfica que delimita as fronteiras dos Estados Unidos é imensamente rica e grande em recursos naturais. Imensas jazidas dos mais diversos minérios, petróleo, guas, madeiras e vegetais, além de um solo muito fértil para qualquer forma de exploração agrícola, constituem condições de produção privilegiada para o desenvolvimento econômico do capitalismo americano, que encontrou em suas primeiras fases, um imenso manancial de matéria prima.

E um país-área unificado, não possuindo fronteiras políticas separando unidades econômicas naturais, como acontece em algumas regiões da Europa. Por exemplo, o Sarre, que serve de disputa entre a Alemanha e França.

A «marcha para o oeste» que marcou época no desenvolvimento da economia americana, conseguiu produtivizar, além de grande parte da população em geral, ainda algumas de suas seções críticas, fornecendo a força de trabalho necessária para desenvolver o oeste americano, que constituía-se numa riquíssima fonte de produção.

O fato de os Estados Unidos estar geograficamente longe do continente europeu, permitiu que até recentemente não tivesse que sobrecarregar-se com o fardo de suas guerras, que abalarão os alicerces econômicos de diversas nações, podendo escolher o momento de lançar-se no cenário militar internacional.

3) No aspecto social-econômico: a partir de seu desenvolvimento econômico, através de uma rapidíssima industrialização que melhor aproveitava os mais modernos inventos e progressos técnicos europeus, canalizou os Estados Unidos uma imigração permanente, principalmente da Europa Central e Oriental. Isto foi um fator decisivo no retardamento da unidade da classe operária americana. Criando sentimentos de inimizade e muitas vezes ódios sangrentos, já que o imigrante era um concorrente para o operário nativo pela sua natural disposição em receber salários baixos, dividia a classe operária em níveis econômicos diferentes, melhor para o nativo e pior para o emigrante empobrecido. Muitas das exigências de leis anti-emigratórias americanas, surgiram da classe operária.

4) No aspecto puramente econômico: acidentalmente à partir da crise de 1929, o nível de salários do operariado americano se tornou relativamente alto, trazendo como consequência um nível de vida também mais elevado. As causas últimas de tal fenômeno, que

levaram muitos ao erro de afirmar que a teoria da «miséria crescente» de Marx não estava historicamente se provando no mundo capitalista, se devem à fase imperialista em que o capitalismo americano vive. A questão se resume numa política econômica que na prática tira e explora a mais-valia do operário dos países-colônias e explorados, compensando o alto nível de salários do operário nos Estados Unidos. É uma forma de apaziguamento da luta de classes interna com maléficas consequências para a criação de uma consciência de classe do operariado americano, tais como, a aparente estabilidade e prosperidade econômica, o nacionalismo exagerado, movimentado por «slogans» que atestam a verdade da livre iniciativa, etc.

5) **Condições externas:** Afóra tudo isto, as desgraças que atingiram o operariado mundial se refletiram no socialismo americano. Os grandes reveses sofridos entre a 1ª e a 2ª Guerra Mundial pelo movimento europeu, entre eles o «fascismo», deixaram profundas marcas no movimento socialista americano; também o «stalinismo», com sua nefasta influência adquirida nestas últimas décadas contribuiu para tanto. Além de que, o «comunismo» foi e é ainda hoje usado como motivo para impedir qualquer manifestação política progressista dentro dos Estados Unidos, que ultrapassou já sua fase de «democracia liberal» para apresentar-se hoje com novos métodos governamentais, que tendem a impedir cada vez mais a liberdade de luta política interna.

Não devemos esquecer, para explicar a situação presente do operariado americano, os muitos erros que os socialistas americanos cometeram nas últimas déca-

das. Estes erros também serviriam para explicar inúmeros fracassos. Caberia destacar a falta de unidade deste movimento socialista, que se formou com imigrantes que se mantiveram separados em pequenos grupos de socialistas alemães, austríacos, russos, etc., sem uma ação política conjunta e orgânica entre si; a A.F.L.; etc.

A correta e segura ação do Homem e do Partido na luta política é de fundamental importância, mesmo admitindo-se à base de uma concessão materialista da história, que num longo transcurso de tempo a evolução da sociedade se dá segundo leis gerais, objetivas e lógicas.

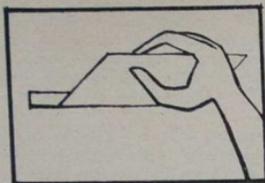
Porém neste caso, não cremos que a situação da classe operária nos Estados Unidos permaneça no pé em que se encontra hoje em dia, pois a rápida sucessão dos acontecimentos, que caracteriza o mundo atual, fatalmente levará a sua mudança brusca, como as mudanças atuais soem ser. Um olhar científico sobre a sociedade atual permite-nos afirmar que todos os elementos históricos estão dispostos para que tal aconteça. A ela há que se voltar a ação do Homem e do Partido Socialista Americano.

(§) Marx denominava e dividia a evolução de uma classe social em duas fases principais: a 1ª fase «an-sich» (em si) que significa uma classe que apesar de ter seu contorno delimitado no processo de produção e economia não é ainda consciente de si, sua força, sua missão; A 2ª fase «für sich» (para si), que significa uma classe consciente de si, sua força e sua missão, na perspectiva econômico-social.

50 ANOS DE POALEI SION NOS ESTADOS UNIDOS.

Comemora-se este mês o cinquentenário do movimento poalei-sionista nos Estados Unidos. Da massa judaica que emigrou da Europa Oriental surgiu o operariado judeu americano, organizado em seus mais diversos ramos, entre os quais o Poalei Sion dos Estados Unidos, ocupa um papel de suma importância.





Prezado chaver:

Após nosso último encontro fiquei pensando muito nas coisas sobre as quais conversamos. Espero que você não me levará a mal se, escrevendo agora, vo tar ao assunto e à outros mais que me ocorreram desde então.

Antes de mais nada, devo dizer-lhe que julgo compreender e avaliar perfeitamente quo naturais são os motivos de suas preocupações. Fora de dúvida é exigido muito de quem, como você, planeja viver e desenvolver sua arte num kibutz.

Eu, de minha parte, sinto-me otimista quanto às possibilidades que você para tanto terá em Eretz e em Bror Chai, já que era de nosso kibutz que falávamos. Naturalmente porém, para isso são necessárias uma série de coisas, reconheço, nada fáceis.

A distância, entre as aspirações que cada jovem tem, até a realização destas mesmas aspirações é um longo caminho. Mas elas sempre que sadias e honestas são benéficas e positivas para si e para o grupo em que vive. Porém para percorrer este longo caminho é preciso ter, além de muita capacidade, muita persistência, muita força de vontade, muita paciência. E fora muitas outras coisas, também muita integridade de caráter e propósitos.

Desenvolver e viver tudo isso através de um transcurso longo de tempo, e tal é indispensável, já não é algo a que muitos, mesmo capacitados, se propõem; e mesmo boa parte dos que o fazem — para já não dizer a maioria — não conseguirão ver suas aspirações realizadas. Mas não é de se extranhar. Ainda é mais fácil o pensar que se possui toda a capacidade e toda a força para desenvolvê-la do que trabalhar e viver tudo isto. Creio que o exposto se mantém verdadeiro não só na arte mas igualmente na ciência, na técnica na política e em quaisquer outros terrenos. E creio também que a constatação dessas considerações não devem ser motivo de cepticismo.

Talvez você às vezes pense que, permanecendo no Galut, teria maiores possibilidades de desenvolver-se. Não ignoro que a sociedade burguesa lhe oferece algumas facilidades, aparentemente importantes e decisivas. Eu não acredito que assim seja. Nada de básico se altera no que se refere ao longo caminho entre as aspirações e as realidades. Fora de dúvida você, em futuro muito breve, seria um homem de sucesso — mas entre um homem de sucesso e um grande homem, e você sabe disto tão bem quanto eu, há uma diferença muito grande. E você também sabe tão bem e melhor do que eu, quanto desonestidade e quanto adultério esta sociedade permite e não exagero se digo que dissimuladamente estimula, também nas artes. Que legião de ho-

mens de sucesso... e que poucos grandes homens. So-re todas estas coisas falamos já muito.

Naturalmente o período inicial em Eretz será bastante difícil para você; aliás o é para todos. Há que ultrapassar problemas que vão desde uma nova língua e novos hábitos, até habituar-se e criar amor à terra e ao trabalho. Desde um novo clima e um novo povo até a dedicação pela construção nacional e social do país com os objetivos e meios que temos por certos. Por tudo isto o teu período de hach shará em meshek vatik deverá, ser integral. O período de tzavá também — cada cidadão e particularmente cada jovem deve estar capacitado à sua parcela na defesa do país.

Já falamos muito sobre as possibilidades que o kibutz poderá ou não oferecer. Em minha opinião terá de, num espaço de tempo razoável, ser capaz de oferecer todas - a todos aqueles que demonstrarem para si e para a comunidade sua capacidade e sua vontade. E, imagine você se assim não fosse, que cemitério de vocações e vontades o kibutz se tornaria! Falo de todo e qualquer kibutz e em particular de Bror Chai que naturalmente nos está, mais próximo. Conseguimos reunir rica chevra, no sentido humano. Há muitos com aspirações em muitos terrenos. E pelo que acompanhamos, nosso meshek nos deu até agora todos os motivos de satisfação e otimismo em todos os sentidos. Isto, avalie bem, é algo muito importante.

E nem estou falando em algo fundamental pois que há muito de é ponto comum entre nós. No mundo de ho e cada homem tem que necessariamente assumir uma posição perante o conflito social. Você é sionista, e socialista e tem para você como verdades todas as bases ideológicas e toda concepção de vida do movimento. Deve ser íntegro e coerente com as ideias e concepções. Sei que muitos não pensarão assim — há os céticos, há os descrentes, e a ém de outros há também os eternos homens de bom senso. Não é a estes que está reservada a tarefa de construção de uma nova sociedade.

Nossa geração é privilegiada e à ela estão reservados grandes trabalhos, apesar que só uma minoria tem a coragem de compreendê-lo. Proponho-lhe ingressar em nosso 6º garin em Eln Dorot e preparar-se para a aliá dentro em breve. Não há nada e ter médo. Se é capaz naquilo a que quer se dedicar e se tiver, coisa indispens vel como já disse, a força de vontade e persistência para tanto, com êxito percorrerá o longo caminho. Se você for capaz, seja onde for, você o fará.

E, se lhe importa, eu creio que você é capaz.

De seu amigo, um abraço e alei v'ágshem.

ERVIN

KAETHE KOLLWITZ



1

Kaete Kollwitz, de cujas gravuras apresentamos algumas reproduções, pode sem dúvida ser considerada uma das grandes personalidades da arte moderna. Pertencendo a uma época extremamente intensa e dramática, produto do meio agitado e convulso da Alemanha do início do século XX, Kaete Kollwitz soube, como artista verdadeira que era, tirar desse meio e dessa realidade social os elementos para uma obra viva, sincera e humana. É por



2



3

este motivo, além dos temas que retrata ou pelas cenas que descreve, que Kaethe Kollwitz se impõe à nossa admiração; na apreciação de seus trabalhos faz-se necessário encará-los pelos seus valores intrínsecos e pelo caráter de revolta e acusação que êles encerram, valores que os inspiraram e animaram.

REPRODUÇÕES:

- | | |
|---------------------------------------|--------|
| 1. — AUTO-RETRATO | — 1925 |
| 2. — AS MÃES | — 1919 |
| 3. — O CHAMADO DA MORTE | — 1935 |
| 4. — CRIANÇAS DA ALEMANHA
COM FOME | — 1924 |
| 5. — A REVOLTA DOS TECELÕES | 1897 |
| 6. — PÃO | — 1924 |
| 7. — MENINO ABRAÇANDO SUA
MÃE | — 1928 |



4



5



6



7

Leão Korenfeld



Leão Korenfeld, chaver do 2º garin Aliá do Movimento, membro do Kibutz Bror Chail, faleceu no dia 13 de janeiro de 1955, em Porto Alegre.

O Ichud Hanoar Hachalutzí, através de sua Hanhagá Artzit, e o Kibutz Bror Chail, expressam por este meio o seu profundo pesar.

EDUCAÇÃO E METODO

a questão dos meios e dos fins ...

Chico Zimmermann

Toda ideia revolucionária traz ligada consigo uma determinada concepção de vida. Estas novas formas de valorizar o homem ou toda e qualquer atividade humana perante o conjunto social, carregam entre si íntimos vínculos. Produto de um determinado regime econômico-social, a escala de valores estabelece para a sociedade os critérios para a graduação maior ou menor desta escala, e tudo o que a ela obedece.

Assim, na antiga sociedade escravagista, o hedonismo, filosofia que exprimia os interesses da aristocracia, colocava valor àquele que se entregasse à livre contemplação do mundo e à absorver o má's possível aquilo que a vida poderia lhe dar. Claro está que somente a classe dominante de então poderia se entregar a esta livre contemplação do mundo, e onde mesmo todo o tipo de atividade manual «embruteceria» o homem. Fora de dúvida que esta não seria a filosofia de vida de um camponês escravo na antiga Roma imperial.

Também na Idade Média, onde «fora da Igreja não havia salvação», onde o bem e o mal eram caracterizados pela aristocracia feudal e pelo clero, regendo-se o mundo pelas encíclicas papais, o merecer a salvação eterna à custa dos sacrifícios terrenos era a arma de coerção do senhor feudal para manter o trabalho servil do campesinato, onde a crença religiosa, o temor pelas superstições e mitos, asseguravam aos senhores feudais o seu domínio absoluto.

A transmissão destes valores sempre coube à educação, a tarefa de formar homens segundo uma concepção de vida e segundo uma ideologia.

A sociedade burguesa nasceu das cinzas fumegantes da feudal. Recebeu um impulso tremendo, já ma's constatado em outro regime social, pela máquina, pelas descobertas, pela abolição dos limites geográficos. A burguesia cria para si um mundo à sua imagem e à sua semelhança. Sob o slogan de «liberdade, igualdade, fraternidade» levaram os ideólogos burgueses à todas as camadas, a ilusão do fim da opressão, o regime do povo pelo povo, a fraternidade universal, e assim por diante. Foi a época da luta contra os últimos resquícios do feudalismo, da implantação do século da razão que rompia as comportas da «claridade divina» da Idade Média. Era o fim do mito, da crença pelo pavor dos Santos Tribunais Inquisitórios, dos herejes e das fogueiras, era o fim de mil e quinhentos cristianíssimos anos. Rompiam-se os feudos, os guettos, era a nova oportunidade para todos os cidadãos, neste regime de «liberdade, igualdade, fraternidade».

O impacto disto tudo não demorou a se mostrar. O mundo colossal e tremendo que a burguesia havia criado à sua imagem e semelhança não era um mundo con-

muito equilíbrio e harmonia. O sistema capitalista de produção, estimulado pela concorrência e pela livre iniciativa mostrou quão falso era o slogan da Grande Revolução. O grande, o colossal mesmo mundo burguês aparecia em sua fria realidade como a colossal e imensa «jungle» lançando rumos e normas para o triunfo na mesma: subir espezinhando os outros, tal é o sentido do moderno «self-made-man». A valorização do homem pela posição social que ocupará é bem mais patente ainda nesta sociedade quando, a mola de tudo é o lucro, o dinheiro, o capital, se mostra como o único meio capaz de elevar o indivíduo e proporcionar-lhe uma posição privilegiada dentro do organismo social.

Este é o fim máximo da educação burguesa — a formação de um homem, que sob todos os aspectos, corresponda e perpetue o mundo por ela criado. Um homem capaz de vencer na «jungle», sem o'har para os lados, mantendo-se impassível aos que caem e com a grande ambição de subir mais inescrupulosamente.

Quais as características do método burguês na educação? Naturalmente, ele reflete todas as tendências e é o espelho fiel da atual sociedade. Quanto ma's forem surgindo à tona as contradições, tanto mais ela se tornará conservadora. O método burguês procura canalizar para rumos que lhe possam ser propícios. Assim na escola, instituição oficial que representa por excelência a educação burguesa, com todas as tendências e nuances que possam variar de lugar para lugar, preocupa-se em inculcar o amor à pátria de uma forma chauvinista, expressando assim todo seu cuidado e preocupação pelo ultra-nacionalismo. «Deus, Pátria e Família», é novamente o slogan e uma das diretrizes da metodologia burguesa. Através disto, procuram encobrir uma realidade social chocante e brutal, desviando com métodos mórbidos e decadentes o que o século não mais pode encobrir. Levá-lo assim, com o espírito fechado e jogá-lo posteriormente na «jungle» mercê de sua própria sorte — é o que visa o método burguês.

As contradições aumentam dia a dia — e é sintomático o que percebemos nas mínimas até as maiores questões em educação na escola. Nos problemas mais essenciais da vida, que a escola não dá, há a contradição entre o preconceito e o falso pudor da vida da família e da rua para o jovem burguês.

Evidentemente, o método burguês não pode dar respostas completas. Ele atém-se ao seu fim — o de justificar uma ordem de coisas como verdadeira. Porém há muitas respostas essenciais que ele não pode dar. Além de sua morbidez, do outro lado o espírito «prático», o «businessman» característico. As compor-

tea não aguentam mais o peso das águas. Nas mínimas questões as contradições se manifestam.

O método na educação burguesa, por mais aprimorado e rebucado modernamente que seja, reflete somente uma ordem social confusa e contraditória. Na essência, é o Fim que está ligado ao Meio. A forma de se chegar ao fim também será plena de confusão e contradição.

Em Outubro de 1917, houve uma Revolução na Rússia. Inspirada nas doutrinas revolucionárias de Marx e Engels, pretendia inaugurar um novo mundo: o mundo da justiça social, onde o homem se desenvolvesse livremente e com as melhores oportunidades possíveis. Todo o mundo progressista da época olhou com interesse a nova fase que se inaugurava. Era uma grande esperança.

Sabemos do rápido fim que teve a Revolução e qual regime se inaugurou: o de uma ditadura burocrática do Partido sobre as massas trabalhadoras. Mas esta sociedade, também precisava de um novo tipo de homem e o formou. Formou imensos quadros de reserva estagnantes, os burocratas. Criou um homem para a sua fabulosa produção: o robot stalinista. E formou também uma concepção: «os Fins justificam os Meios».

Este é o ponto de partida, se quisermos ver o que é o método bolchevique na educação. Se um objetivo na produção é atingido a uma determinada quota, há as brigadas stachanovistas de produção para atingi-las não importando o que custou e sim a quota atingida ou não.

No método bolchevique, encontramos um novo fator: a emulação ou seja, o estímulo através de prêmios para a sua fabulosa produção: o robot stalinista. E finalmente e a responsabilidade coletiva não alcançam nem podem atingir, o prêmio consegue. E é assim que se conseguem as coisas na «revolucionária» escola nova bolchevique: o interesse e a participação no estudo o mais «camarada», a conquista dos troféus por serem destacados nisto ou naquilo, através da emulação. Evidentemente a teoria dos fins justificarem os meios está sendo seguida. Entretanto, todo o Fim deve estar ligado com a forma, o Meio de a ele se chegar, senão haverá uma desoladora deturpação de objetivos. O uso da emulação caracteriza uma não preocupação fundamental na profundidade das coisas. Podem ser magníficos os resultados alcançados em função do Estado ou organismo qualquer (discutível, também), porém à custa de um isolamento do homem em quatro paredes não se preocupando muito com as condições ou com o conteúdo. O essencial é que o objetivo foi atingido.

Como em toda organização social, a bolchevique formou o seu tipo de homem: um homem por demais limitado, um instrumento do Partido para lograr seus fins. Não é um ideal ou uma suprema aspiração de vida que está sendo perseguida, mas simplesmente o atingir uma determinada quota. Este é o objetivo da educação bolchevique e qualquer que seja o método, já à priori estará sendo justificado pelo «Fim».

A educação foi a grande arma para se lograr o objetivo — formar gerações capazes de cumprir sua missão histórica dentro do povo. O sionismo exige uma forte ação educacional positiva na luta contra os fatores antagonísticos da assimilação e na formação de homens capazes de entender e cumprir determinadas missões que são comuns à sua geração.

O movimento educativo chalutziano concentra em si estas aspirações e possui também seus rumos próprios. Dá a seus componentes uma concepção de mundo, isto é procura enquadrá-lo numa posição de luta ideológica dentro do mundo moderno, e uma escala de valores sociais, necessária à realização de suas finalidades maiores.

Assim, por este prisma, seguiram diversas correntes ideológicas. Como já mostramos, na educação é que vieram se refletir mais agudamente aquilo que cada um entendia por formar estas gerações juvenis e onde pretendiam evoluir. Este determinado movimento chalutziano tem uma orientação ideológica definida para a U.R.S.S., evidentemente tudo fará, no terreno educativo, para formar homens nos moldes que aspira.

Queremos citar um dos muitos exemplos que mostram o fracasso de uma educação. Houve instituições educativas em Mishmar Haemek, onde aprimorados e férteis métodos foram empregados na formação kibutziana. O resultado porém, foi dos mais desastrosos: isolava o jovem do mundo real. Quando este o percebia, havia um choque brutal entre o mundo que existia na realidade e a mística de um paraíso kibutziano, sem compromissos com este mundo real. Neste mundo, era o jovem um deslocado social incompatibilizado, sem armas nem instrumentos de luta de sorte alguma. A sociedade kibutziana seria o único lugar onde poderia haver refúgio. No exemplo citado da forma mais cabal a sociedade kibutziana seria quase uma fuga ao invés de um luta sólida e consciente no terreno social.

Por resultados parciais que possam trazer os métodos, devem estes conduzir à formação de homens conscientes de sua missão e lutadores por ela. Nunca fazer das conquistas refúgios para homens e sim uma posição a mais que foi conquistada. Isto deve ser o marco para novas conquistas e no nosso caso, seria influir decisivamente para a luta pelo socialismo. O que este método mostrou, reflete, além de ser sem compromissos de responsabilidade pela causa socialista, como fim educativo, o homem em si é um fracasso, por mistificar a realidade, isolando-o e encarcerando-o espiritualmente, sem lhe oferecer os meios de luta.

Cremos que em verdade acertamos ao declaramos em congressos educativos que nossas normas básicas em metodologia devem ser a educação real e a educação viva.

Se nosso objetivo educativo é formar um homem revolucionário integral, capaz de compreender conscientemente e cumprir as tarefas que a história lhe impõe, o chalutz, então devemos formá-lo para que de fato cumpra esta missão. Deve ter ele os instrumentos necessários para chegar à aspiração máxima — a implantação do socialismo democrático em todo o mundo. E isto fazemos, não isolando-o do mundo real mas sim, lutando dentro dele e o transformando. Senão, o próprio kibutz não passará de um refúgio sobre conquistas. O chalutz deve ser o militante na primeira linha de fogo da Revolução e não a sua retaguarda.

Entendemos com nosso método formar este tipo de homem. Cumpre levá-lo cada vez mais à perfeição, porque a experiência viva do que logramos atingir já nos demonstrou da sua legitimidade e da sua verdade.

NOSSAS MACHANOT

Como já é tradicional, realizamos anualmente as nossas machanot Kaitz, marco educativo na vida do movimento. O alto espírito de compreensão das instituições sionistas do Brasil no momento de hoje permitiu evar cada vez mais o nível destas machanot.

Através da «Vanguarda Juvenil» queremos expressar o nosso agradecimento a:

ORGANIZAÇÃO DAS PIONEIRAS
COMITÊ DE AMIGOS DO ICHUD DO
RIO DE JANEIRO
ORGANIZAÇÃO SIONISTA UNIFICADA
DO BRASIL
WIZO
ORGANIZAÇÃO SIONISTA UNIFICADA
DO ESTADO DE SÃO PAULO
KEREN KAIEMET LEISRAEL
VAAD HANOAR DE SÃO PAULO



1-a Machané - Kaitz - Petropolis - 1948

Beit Hechalutz al Shem Berl Katzenelson

A 7 de Novembro com a presença de cerca de 600 pessoas, foi solenemente inaugurado o novo moadon do snif Rio, o Beit Hecha'utz al shem Berl Katzenelson.

As 19 horas, foi iniciada a solenidade com os Hinos Nacional Brasileiro e Hatikva, cortando a fita inaugural o consul de Israel no Brasil. Seguiu-se a inauguração das salas e salões pelos chaverim amigos do movimento, Jacob Gleiser, Sra. Alice Chertzman, Sra. Zwerling, Sr. Rosencwing, Sr. Fishman. Após a inauguração do Chadar Herzl passou-se à parte solene da messibá, presidida pe'o chaver Adolfo Cheinfe'd, maskir do snif, passando a palavra à chaverá A'ice Chertzman, presidente do Com'tê de Amigos do Ichud, que foi o grupo fundamental na instalação do novo moadon.

Saudaram também o representante do Poalei Sion Hitachdut, chaver Israel Dines, da Organização das Pioneiras chaverá Sara Linetzki, da Wizo, chaverá Ahuva Kestelman, chaver Eilon da machlaká de Chinuch ve'Tarbut, chaver Deutcher do K.K.L. Abri'o Stiglitz do Hashomer Hatzair, e encerrou a lista de oradores o chaver Adolfo Cheinfe'd, em nome do Harhagá Artzit do movimento.

Ao ar livre foi apresentado um programa artístico, com a participação de todas as shichavot do movimento, com dansas, canções e teatro muito bem sucedido.

Num espírito alegre, de esperança e convicção num bom trabalho, foi encerrada a messibá com Techezakna.



ISRAEL E CECILIA KAUFMAN

congratulam-se com

BELA FAINGUELERNT E FAMILIA

pelo casamento de seus filhos

E S T E L A e I S R A E L

desejando-lhes felicidade e ventura na sua vida futura.

Ao chaver

ISRAEL FAINGUELERNT

pelo seu casamento com

ESTELA KAUFMAN

nossas felicitações.

POALEI SION HITACHDUT
RIO DE JANEIRO

Ao amigo

ISRAEL FAINGUELERNT

pelo seu casamento com

ESTELA KAUFMAN

desejamos

HATZLACHÁ BEDARKECHEM

ICHUD HANOAR HACHALUTZ:
SNIF RIO

A

ISRAEL FAINGUELERNT e ESTELA KAUFMAN

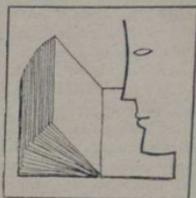
e respectivas famílias, nossas congratulações pelo seu casamento, e votos de uma vida feliz e de criação para am Israel

Ezequiel Rawet e família
Moisés Mendelson e família
Leizer Levinson e família
Israel Dines e família
Irmãos Rochlin
Samuel Graiver e família

Sa'omão Steinberg e família
Moisés Singer e família
Samuel Linetski e família
José Exman e família
Griche Rosenberg e família

OS SUBTERRÂNEOS DA LIBERDADE

J. Amado



Jorge Amado, um dos mais lidos e comentados novelistas da atualidade brasileira, lançou-se a escrever uma obra de alcance e significado monumentais — «O Muro de Pedras», em que se dispõe a fazer o histórico das lutas sociais no Brasil, nestes últimos tempos. E tal obra é de grande interesse para nós, sob muitos pontos de vista — literário, artístico, ideológico, político e social. Trata-se nada mais nada menos que a análise por um comunista, dentro dos modos atuais da literatura comunista internacional, da vida, dos problemas e das lutas sociais num país semi-colonial como este em que vivemos. Pelo fato da história se passar em nosso ambiente, com muitas das personagens e condições nossas conhecidas, e narradas por um novelista de real e profundo talento, cujas obras anteriores também conhecemos, torna-se para nós, jovens do Brasil, muito mais fácil compreender, observar e analisar as particularidades dessa obra de literatura política e social «dirigida». Todos os chaverim de nossas schichavot políticas devem ser colocados em contacto com esta obra, pois a sua leitura e crítica para si próprios, constitui um excelente exercício ideológico de literatura e de política. Apenas a primeira parte da obra, chamada «Os Subterrâneos da Liberdade» já está divulgada, estando as outras duas em preparo. Entretanto, já se entrevê todas as características e valores desse trabalho; por isso, não julgamos prematura uma crítica à essa primeira parte de «O Muro de Pedras».

Já conhecemos de há bastante tempo as novelas de Jorge Amado. Ele sempre nos causou admiração, interesse, prazer e emoção com suas descrições da vida e das lutas de muitos grupos proletários do nordeste. Seu estilo ao mesmo tempo simples e trágico, indo diretamente ao fundo de todos os assuntos, expõe sem rodeios a verdade dos fatos, lírico e realista ao mesmo tempo, sempre nos empolgou. Ele nos leva a viver com seus personagens, aos quais tem o dom de fazer aparecer tão vivos e reais, que ficam gravados para sempre em nossa memória. Ele nos expõe um personagem em sua totalidade, vai desdobrando suas facetas e seus pensamentos até que tenhamos penetrado no mais recôndito de sua alma. E mestre também em pintar os quadros das reações entre seres humanos — e de todo o tipo de reações: a amizade, o amor, a solidariedade, o interesse, o ciúme, o ódio e a vingança, e é na pintura desses quadros que o escritor mais se aprimora. Sua simpatia para com os trabalhadores, os pobres, os oprimidos, não se disfarça; aos ricos e exploradores, trata com uma ironia pesada, fazendo ressaltar sua cupidez, sua imoralidade, seu torvo interesse material e seu desprezo pelos que constroem a sua riqueza. Conhecedor profundo de numerosos setores da vida rural e cidadina do Brasil, deu-nos notáveis

descrições da vida e das lutas sociais na Bahia. Sua obra sempre nos mostrou uma aprimoramento gradual do seu estilo próprio, uma generosidade cada vez maior dos temas tratados, e uma tendência a utilizar cada vez mais de personagens-tipo, que refletem todo um grupo e um setor de uma classe social; o escritor vale-se desses personagens, que são o seu forte, para através de suas palavras e ações expor todas as situações importantes a serem descritas.

Na sua última obra, esse processo de simbolização dos personagens atinge o seu auge. Jorge Amado reduz ao mínimo necessário as descrições de paisagens, cenas pitorescas, passagens líricas. Todo o esforço do escritor se concentra no drama social que vivem seus personagens. Tendo que lidar com um número muito grande de tipos, grupos, tendências e situações, o escritor chega a um excesso de simbolismo. Suas personagens perdem um tanto de seu que particular, e carregam como uma bandeira os pensamentos e o destino de seu grupo — o comunista militante, o político da velha guarda, o tira, o banqueiro, o industrial, o traidor «trotskista» do Partido, cada um é representado em seus traços mais vivos e acentuados. O próprio Jorge Amado o diz claramente, quando faz Gonçalo pensar; «Onde está um comunista, está o Partido», e quando o banqueiro Costa Vale declara: «O importante é saber a quem vender a riqueza do país: se aos americanos ou aos alemães, como se ele pessoalmente fosse o dono da terra. Há passagens de um lirismo trágico e comovido, quase como um poema épico, como todo aquele capítulo que tem como mote: «Eram em Santos 3 soldados, de baioneta caídas».

Também quando explora novos horizontes, como as matas bravias do vale do Rio Salgado, o escritor nos fez sentir novamente o sabor de seus contos anteriores. Mas no conjunto, domina o livro o pesado clima da luta de classes, da miséria do povo, do imenso trabalho de esclarecimento, propaganda e agitação por parte dos comunistas militantes, tão poucos e tão aferrados ao trabalho como os profetas esclarecidos de uma era próxima. E o escritor se apraz de colocar, entre dois capítulos em que retrata essa luta titânica, um capítulo em que esmiúça os pensamentos, as ações, as festas dos banqueiros e industriais, o seu medo, incompreensão e ao mesmo tempo desprezo pela classe operária, a podridão de suas vidas, a falta de valor e significado de sua arte. O efeito do contraste é imenso, e leva forçosamente o leitor a um julgamento íntimo, fazendo-o revoltar-se contra a pódre classe burguesa dominante, admirar e olhar com simpatia todos os setores da classe operária, e principalmente os comunistas ativos.

Para impressionar ainda mais fortemente o leitor.

lança mão, sempre que necessário, do sentimentalismo, estabelece o contraste entre a necessidade da militante ir a pé para casa, para economisar o níquel do bonde, e o industrial esbanjando fortunas no casamento da filha; e esmiuça longa e dolorosamente as torturas por que passam os comunistas prisioneiros, nas garras da policia estadonovista. Desse modo, valorisa tremendamente todo o trabalho do Partido Comunista, que se não fosse pelas condições especificas em que se desenvolvia, não teria quase valor politico nenhum.

E chegamos ao último e mais importante ponto da obra, que é preciso analisar: o seu valor e significado politico, e o que é preciso desmascarar e pôr em evidencia como sendo propaganda. Jorge Amado foi extraordinariamente hábil na narração dos fatos. E ele pretende em sua obra, como está escrito no frontispicio, escrever apenas «verdades puras, que lhe ensinoli a viva experiência». E na verdade, não se encontram em sua obra pontos facilmente atacaveis, apesar de ela ter no seu conjunto um indubitavel caracter propagandistico. Como foi conseguido isso? Principalmente, quer-nos parecer, pela não aprofundisação da discussão de problemas ideológicos e politicos, como se pode fazer muito bem numa obra que tem caracter e forma de nove a. Não é que o escritor fuja de pontos difíceis; ao contrário, ele os aborda. Por exemplo,

o pacto Germano-Soviético de 1939. Mas eles são abordados muito por cima, simplesmente dizendo que houve desenendimentos e discussões dentro do Partido, e mesmo nesse caso éle tira vantagem, salientando que os dirigentes podem sempre «explicar tudo». Talvez a exposição ideologica mais importante em toda a obra seja a profissão de fé comunista que João faz no tribunal, perante o juiz de instrução. Ela contém, na verdade, uma boa parte da filosofia politica dos comunistas, e sobre e a só há uma insignificante tentativa de discussão. Em todo o restante da obra, no que pese ao seu caracter fundamentalmente politico, o que tem muito maior valor é o drama humano e social que vivem os personagens, e não a ideologia politica do Partido Comunista.

«Os Subterrâneos da Liberdade» é um livro que deve ser lido; diante de nós temos um dos melhores e mais interessantes exemplos da literatura dirigida que é atualmente o modelo de todos os escritores comunistas, cujo trabalho tem um função única e poderosa: a agitação intelectual dos simpatizantes e da população em geral, em prol do Partido Comunista. Devemos ter esse fato sempre em mente, enquanto lemos e quando criticamos para nós próprios esse trabalho.

Josef Kuczynski



PINAT HAKEREN KAIEMET LEISRAEL

Iniciamos neste número a publicação da coluna do Keren Kaïemet Leisrael, que se destina a relatar todas as atividades do movimento em prol do K.K.L., nossas realizações conjuntas, bem como informar sobre os trabalhos do K.K.L. em Israel.

1º LUGAR NO TRABALHO EM PRÓL DO K. K. L.

Classificou-se o movimento em primeiro lugar no trabalho dos movimentos juvenis para o Keren Kaïemet, durante o ano 5714. Revelam-se assim os primeiros resultados concretos do grande impulso dado à este trabalho e cumprem-se as resoluções tomadas em nossos kinussim e moatzot. Esperamos manter a posição conquistada também em 5715, aumentando ainda mais o valor de nossas arrecadações.

O resultado final foi o seguinte:

Movimento	Total arrecadado	Aumento em relação a5713
Ichud Hoar Hachalutzí	Cr.\$48.672,00	204%
Hashomer Hatzair	42.740,00	38%
Kibutz Hameuchad	1.780,00	—
Enei Akiba	1.231,00	—
Hanoar Hatzioni	8.283,00	188%
Betar	9.357,00	100%
Wizo Juvenil	11.375,00	500%
Juventude não organizada	11.161,00	145%

SHNAT HERZL

Por decisão do Executivo Sionista foi o Shnat Herzl (Ano Herzl) prolongado por todo o ano de 5715. Tere-mos assim oportunidade de intensificar neste período nossas atividades no sentido de popularizar o conhecimento da obra e da realização de Herzl e aumentarmos nossas contribuições para o K.K.L.

Todos os nossos smifim estão já de posse de quadros de Herzl para venda, o que será feito antes e durante o período de machanot.

Nas machanot, que este ano o movimento dedica ao Shnat Herzl, será incluída uma peul' especial sobre Herzl. Assim, o movimento procederá no dia do K. K. L. em cada uma das machanot, à entrega da quantia correspondente àquela machané, para o plantio de árvores.

* * *

IOM HATNUÁ LEMAN HAKEREN HAKAIEMET LEISRAEL

No dia 6 de fevereiro de 1955, no local das machanot centrais, em Petropolis, realizará o movimento o Iom Hatnúá Leman Hakeren Hakaïemet, uma grande concentração nacional do movimento, das shichavot de bonim e maapilim-magshimim, dedicada ao K. K. L. Constará de um tekves e programa artistico, sendo especialmente convidados os dirigentes do K.K.L. do Brasil. No Iom Hatnúá entregam o movimento ao Comité Central do Keren Kaïemet no Brasil, todo o realizado no Chodesh Hatnúá Bishnat Herzl.

O período que abrange este número da Vanguarda Juvenil foi fértil e produtivo na vida do movimento. Caracterizou-se interna e externamente por conquistas as mais diversas que, junto da orientação traçada, está hoje em dia dando os primeiros indícios de um período que finda, de tarefas cumpridas.

Estes foram os principais fatos:

PLENARIO DE CHALUTZIUT:

Realizou-se, por resolução do 3º Kinus Artzi, tendo planejado todos os problemas de chalutzit, hachshará e a lá, nos próximos períodos, permitindo-nos perceber nossos futuros garinim, as perspectivas e reservas chalutzianas para o futuro próximo. Um estudo detalhado de todos os snifim, sua estrutura educativa, foi a base deste plenário, cujos resultados foram bastante satisfatórios.

GRUPO DO MACHON:

Constituiu-se novo grupo de candidatos ao curso do Machon Lemadrichei Chutz Laaretz, que se acha concentrado no Beit hechalutz alshem Berl Katzenelson. Preparam-se para o curso que farão em Israel, afim de poder, assimilando os valores do movimento obreiro israeli, trazer a nós o espírito de Israel, basificando ao mesmo tempo o seu futuro trabalho na tnuá.

1º LUGAR NO TRABALHO EM PRÓL DO K.K.L.

O trabalho de todo o movimento brasileiro, intensificado no último ano, deu os seus resultados, tendo o movimento em quase todos os snifim, ressaltando-se Porto Alegre, se classificado em 1º lugar. No Brasil, levantou o movimento Cr.\$ 48.672.000 em fundos para o trabalho de redenção que o K.K.L. realiza.

2º SEMINARIO SUL-AMERICANO:

Realizou-se Beit hechalutz Berl Katzenelson, no Rio de Janeiro o 2º seminário sul-americano, com a participação dos movimentos argentino, uruguaio, chileno e brasileiro. O alto nível ideológico e a discussão das orientações de caráter educativo e político, foram as características básicas do seminário. E de se notar a troca de experiências e valores adquiridos pelos movimentos que, desde Veidá do Ichud, não tinham encontros desta espécie e com tamanha participação. Os temas discutidos no seminário, foram os seguintes:

1. Problemas do movimento mundial;
2. Mapai e Poalei Sion Hitachdut — Ichud Hakvutzot v'Hakibutzim;
3. Socialismo Mundial;
4. Nossa Educação;
5. Haghshamá Atzmit;
6. Hachshará.

Este encontro sul-americano demonstrou a força de nosso movimento na América Latina, que agora existe, além de nos países participantes, também no Paraguai, Equador e Perú, devendo-se formar futuramente na Venezuela.

CHODESH HATNUA BISHNAT HERZL:

Comemorando o 2º aniversário de formação do Ichud no Brasil, o Chodesh Hatnuá em todos os snifim caracterizou-se por trabalhos em pról das machanet kaitz e do Keren Kaiemet Leisrael, além de messibot de Chanuka internas e em bairros, artzaot e peulot ligadas ao problema da Unidade Obreira, seu histórico e a atualidade.

SHLICHUIOT:

Terminam nestes próximos dias a sua shlichut no Brasil os chaverim José e Eugénia Etrog, após um trabalho frutífero no Kibutz Hachshará. Ein Dorot e no movimento. Dedicou-se o chaver Etrog ao trabalho de orientação de nossa hachshará, colocando-a numa boa situação econômica e chevrati, esteve diversas vezes no Rio, São Paulo e Porto Alegre, em orientação de chalutzit e trabalho educativo, trazendo sempre ao movimento os valores de kibutz brasileiro Bror Chail.

Serão os chaverim José e Eugénia substituídos pelos chaverim Mordechai e Chana Chaitchik, também de Bror Chail, que deverão chegar ao Brasil por ocasião da Moatzá Artzit, em shlichut para o kibutz hachshará.

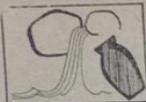
Por esta ocasião, deverá também chegar o chaver Abram Moshe Baumvol (Mosca) em shlichut especial para a formação de uma Chevrat Noar para o kibutz Bror Chail. Deverá o chaver dedicar-se integralmente esta tarefa, visitando para tanto todos os ishuvim do Brasil.

São aguardados ainda por ocasião da Moatzá Artzit shlichim para o movimento, enviados pela Hanhagá Elion.

Deverá esta equipe, junto com os madrichim que voltam do curso do Machon, participar no trabalho de ampliação e cristalização do movimento, trazendo consigo o espírito e o pensamento do movimento israeli.

VAADOT HANOAR:

Foi renovado o trabalho neste setor no Rio, Curitiba e Porto Alegre. Em São Paulo, o comitê tem tido uma atividade das mais louváveis, colaborando com a maskirut do snif no trabalho financeiro, possibilitando assim um bom funcionamento de todas as atividades. Tem o comitê de São Paulo agora pela frente a tarefa das machanot kaitz, e a construção, em conjunto com a Organização das Pioneiras, do novo Beit Hamachanot em São Paulo.



Foram vendidos para o Ishuv de São Paulo, com bons resultados financeiros, o produto dos 6.000 pés de tomates da hachshará. Está em bom andamento a cultura de 3.000 pés de vagem e ervilha, tendo-se já iniciado a cultura de 7.000 pés de alface. O refet foi aumentado com o nascimento de 2 bezerras e uma novilha, havendo grande quantidade de leite. Está residindo nas terras do kibutz o instrutor agrícola que tem sido de grande proveito pelos seus ensinamentos. Está o garin concentrado num intenso estudo de ivrit e atividade tarbutí.



Um período de chuvas intensas no Neguev tem auxiliado muito as plantações, esperando-se boas colheitas especialmente nas culturas extensivas de trigo e cevada.

Foi estruturada a nova Vaadat Hatnui que já iniciou seu trabalho de contacto com o movimento, estando constituída dos chaverim Nuchem (Merakez), Mira, Marjan, América, Arale e E. I.

Iniciou-se a organização de um snif do Mapai no meshek, que se acha já bastante adiantado.

MOADONIM NO MOVIMENTO:

A criação de condições melhores de trabalho no movimento fez com que fosse iniciada uma intensa campanha no sentido de conseguir-se para o movimento novos moadonim. Isto já teve resultados com as novas sedes em Curitiba, Recife e Rio de Janeiro.

Em Curitiba, o novo moadon possuiu a renovação de atividades do snif, assim como em Recife, onde o trabalho de formação do snif culminou com o novo moadon, iniciando-se um período de atividade normal no novo ken.

O moadon do Rio de Janeiro, situado à rua André Cavalcanti, 75 A, é uma magnífica casa, que permite a organização de atividades de caráter educativo, escáutico e artístico. Foram criados cursos de ivrit sob a direção do prof. Hendel, cursos de chailim e côros. Neste moadon foi realizado o seminário sul-americano do movimento, e aí estiveram concentrados seus participantes.

MADRICHIM NO MACHON:

Em Bror Chail, os atuais chaverim do curso do Machon realizam sua hachshará em meshek tzair, participando da vida do kibutz, seus anafim, além de receberem um programa ideológico especial, dado pelos chaverim de Bror Chail. Terminado essa hachshará, haverá um curso de revisão no Machon, iniciando-se logo em seguida o Seminário Ideológico no Beit Berl, para os madrichim do Ichud Hanoar Hachalutzim de todo o mundo, que se encontram em Eretz. Em maio, estarão estes chaverim de volta, reiniciando seu trabalho no movimento brasileiro.

COMITÊ DE AMIGOS DO ICHUD:

Foi bem sucedida a ideia da criação do Comitê de Amigos no Rio de Janeiro, que teve neste período seus frutos na nova sede, o Beit Berl e as machanot kaitz de 1955. A dedicação desse comitê e a seriedade no trabalho nos demonstrou a viabilidade desta ideia em outros snifim, o que já foi iniciado.



Movimento Mundial

A reestruturação da Hanhagá Elioná e a sua ampliação com chaverim de Bror Chail, Givovt Zaid, Tzeilim e futuramente de Mefalsim, permitiu uma renovação no seu trabalho.

A shlichut do chaver Samuel Karabtchevsky pelos movimentos de fala francesa (África e Europa), o estudo da situação dos mesmos e a preocupação pelo envio de shlichim para os movimentos, foram as atividades centrais da Hanhagá Elioná, neste período.

Está sendo renovada a equipe de shlichut para a América do Sul, sendo enviada para a Argentina uma mishlachat constituída pelos chaverim Israel Bitman, Baruch Reznick, Rut Filer e Chanan Olami. A tarefa desta mishlachat é colaborar de uma forma decisiva na basificação das conquistas do movimento argentino no campo educativo e chalutziano e na ampliação do movimento. Deverão estes chaverim dedicar-se ao trabalho na capital e no interior e no kibutz Hachshará Berl Katzenelson.

35 CHALUTZIM DA ICHUD HANOAR HACHALUTZIM DA ARGENTINA.

Partindo de Buenos Aires em 18 de janeiro, passou por Santos e pelo Rio de Janeiro, o garin argentino composto de 35 chalutzim, parte do garin que deverá fazer Hashlamá no kibutz NIR AM, 2º mifal do movimento argentino. Após a sua hachshará em meshek vatik, como o fez o primeiro grupo em Guinegar, deverá o garin integrar o kibutz Nir Am.

(Continuação)

- e) igualdade perante a lei de todos os cidadãos, independente da origem social, sexo, língua, credo ou cor;
- f) administração livre da lei, tendo todo o homem direito para julgamento público perante um tribunal imparcial pelo devido processo de lei.
3. Democracia requer o direito de existência de mais de um partido e o direito à oposição. A Democracia tem porém o direito e o dever de se proteger contra aqueles que exploram suas oportunidades somente com o fito de destruí-la. A defesa da democracia política é uma interêsse vital do povo
4. O socialismo procura substituir o Capitalismo por um sistema no qual os interêsses públicos tenham precedência sobre os de proveito particular. O alvo econômico imediato da política socialista é a inexistência do desemprego, produção mais alta, nível de vida decente, segurança social e distribuição equitativa de bens.
5. Democracia econômica implica patrimônio público, economia planificada e democracia industrial.
6. O Socialismo luta não somente pelos direitos políticos básicos, mas também pelos direitos econômicos e sociais, tais com o direito do trabalho, assistência médica, descanso, segurança social, educação e bem estar para a juventude e habitações adequadas.
7. Enquanto luta para construir uma nova sociedade baseada em alta produtividade econômica e justiça social, o Socialismo está dedicado à criação de uma nova e mais rica cultura e a conceber uma nova e melhor forma de vida. Progresso social e econômico têm sentido somente no grau em que dão maior felicidade ao homem. Por isso, é ambição do socialismo prover uma satisfação às necessidades espirituais do homem. O socialismo opõe-se ao feudalismo, capitalismo e fascismo porque estas são formas degradantes e contrárias à justiça humana.
- O Socialismo Democrático é inalteradamente contrário ao comunismo, em sua forma totalitária tal como é hoje em dia encontrada na União Soviética e seus satélites, onde degenerou num regime da mais completa subordinação do indivíduo e do grupo ao poder central dos líderes do partido predominante. Sob o sistema soviético o poder de Estado impõe dominação absoluta e rigorosa obediência cega e espera-se do homem renunciar a sua liberdade e individualidade. O Comunismo é pois, pela negação de todos os conceitos de liberdade expressão individual e genuína responsabilidade das massas, que são a própria seiva do Socialismo Democrático.
8. O Socialismo Democrático reconhece que nenhuma nação pode, isoladamente resolver seus problemas econômicos e sociais.
9. A nova sociedade mundial pela qual luta o Socialismo, pode desenvolver-se somente se for baseada em voluntária cooperação entre nações. A democracia precisa pois, ser estabelecida em caráter internacional sob a égide de uma lei internacional que garanta a liberdade nacional e os direitos do homem.
10. O Socialismo crê na colaboração internacional e no reinado da paz. Considera a obtenção disto baseada na igualdade de direitos entre indivíduos e Estado, e no direito de cada povo para a auto-determinação nacional.
11. O Socialismo Democrático rejeita qualquer forma de imperialismo. Luta contra a opressão e a exploração de qualquer povo.
12. A União Internacional da Juventude Socialista luta por um mundo seguro, próspero, livre e pacífico. Um mundo onde homens gozam todos os benefícios materiais e espirituais providos de uma vida cheia e pelo alto desenvolvimento da ciência e da técnica, livre do medo de desemprego e miséria, de doenças e velhice, de insegurança e peregrinação. Crê na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Crê na unidade da humanidade.

Por ocasião do casamento dos chaverim Josef Kuczinsky e Ruth Friesel, transmitimos calorosos parabens.

HANHAGÁ ARTZIT
KIBUTZ HACHSHARA "EIN DOROT"
SNIF SÃO PAULO

Pelo noivado dos chaverim Vittorio Corinaldi e Jafra Schamis, enviamos votos de muitas felicidades

HANHAGÁ ARTZIT
KIBUTZ HACHSHARA "EIN DOROT"
SNIF SÃO PAULO

Bernardo Tudor cumprimenta seus amigos Salomão e Ruchla Kuczinski, em Kineret, pelo enlace matrimonial de seu filho Josef com a srta. Ruth Friesel.

POR OCASIÃO

do 2º aniversário do Ichud no Brasil, congratulamo-nos com o movimento em seu trabalho de desenvolvimento e realização.

Alei v'Agshem

Mordechai Schnaider
J. I. Waldman
Móno Berchman
Efraim Reizner
Mário Fulfing
Isidoro Zilberfeld
Samuel Fridman
Moisés Kandel
Naftula Fruchteingarten
Rosa Vorobiov
Gruber & Szlozower
Esther e Sany Millner
«A Estrela dos Moveis»

A Organização das Pioneiras setor Porto Alegre

deseja ao Ichud que continue em sua obra pioneira e chaltuziana e se congratula com seus chaverim pe'a passagem do seu 2º aniversário.

O K.K.L. de Porto Alegre

sauda todos os chaverim do movimento brasileiro na ocasião do 2º ano do Ichud, e os conclama a continuar o trabalho conjunto que tão brilhantemente foi desenvolvido neste ano findo.

A Wizo, de Porto Alegre

se congratula com os chaverim do Ichud pelo seu 2º aniversário, e expressa sua confiança na continuidade de sua tarefa chaltuziana.

Jayme Fichman

congratula-se com o Ichud Hanoar Hachalutzi pela passagem de seu 2º aniversário.

Jacob Szlezinger

cumprimenta o Ichud na data de seu 2º aniversário.

Salomão Schneider

congratula-se com o Ichud Hanoar Hachalutzi por ocasião de seu 2º aniversário.

Waizman e Stenzler

cumprimentam o Ichud Hanoar Hachalutzi na data de seu 2º aniversário.

Salomão Engelhard

Se congratula com o Ichud Hanoar Hachalutzi na data de seu 2º aniversário.

M. Friedmã

cumprimenta o Ichud Hanoar Hachalutzi pela passagem de seu aniversário.

A Wizo,

setor de Rio de Janeiro congratula-se com o Ichud Hanoar Hachalutzi por ocasião de seu 2º aniversário.

A Biblioteca Bialik do Rio, de Janeiro,

cumprimenta o Ichud por ocasião de seu 2º aniversário.

A Wizo, setor de São Paulo

cumprimenta o Ichud na data de seu 2º aniversário.

A ORGANIZAÇÃO DAS PIONEIRAS

se congratula com a Hanbagá Artzit e com os snifim do Ichud Hanoar Hachalutzi, por ocasião de seu 2º aniversário, augurando ao movimento pleno sucesso no seu trabalho chaltuziano.



CRIAÇÕES

K I N G

O toque real de sua elegância !

Para todos os gostos, para todos os momentos... os adornos King são verdadeiras jóias de bom gosto e perfeição. Procure nas boas lojas há uma variedade quase infinita de riquíssimos modelos King para realçar sua elegância.

PASSAGENS:
AÉREAS
MARÍTIMAS

AGENCIA DE VIAGENS

CAMILLO KAHN

MEMBRO DA I.A.T.A.

AV. RIO BRANCO, 120 Sabreloja
Ed. da Associação dos Emp. no
Comércio

End. Teleg. CAMILKAHN
CAIXA POSTAL 1523
Telef. 32-8050 Rede interna
RIO DE JANEIRO

END. TELEGR.: «BRALANDA»
COD.: ACME, BENTLEY'S, PARTICULAR

BRASIL-HOLANDA DE INDUSTRIA S. A.
MADEIRAS DESCASCADAS E COMPENSADAS

MATRIZ: RIO DE JANEIRO FILIAL: VITORIA
AV. RIO BRANCO, 20 - 14 And. EST. ESPÍRITO SANTO
Tel.: 43-2876 (REDE PART.)

FABRICA: MANUQUE E.F.B.M.



MÓVEIS TEPERMAN

SOCIEDADE ANÔNIMA

São os melhores e não são os mais caros

AVENIDA RANGEL PESTANA, 2109 — BRAS — FONE: 9-5265

SAO PAULO

consagrado
pelos virtuosos

SCHWARTZMANN

AUTOMÓVEIS E CAMINHÕES
AUTO **BRASIL** LTDA.

PRAÇA JULIO MESQUITA, 97-
FONES: 34-5075 e 36-985

Enderço Teleg.: «TOBRALI»
Caixa Postal 9314

SÃO PAULO

NIRVANA
INDÚSTRIA de JERSEY
e ARTEFATOS

Artigos finos
Acabamento perfeito

FAJWELDRUKER
Rua Tenente Pena, 329
Telefone 52-6810
SÃO PAULO

LIVROS

LIVRARIA FREITAS BASTOS, S. A

O MAIOR SORTIMENTO
DE LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS EM
TODOS OS GÊNEROS

VENDAS A VISTA E A PRAZO
LARGO DA CARIOCA
RIO DE JANEIRO

CASA BANCÁRIA

ALBERTO BEHAR

Câmbio — Apólices

Av. Rio Branco, 45 Rio de Janeiro

LIVRARIA KOSMOS EDITORA

ERICH EICHNER & CIA. LTDA

MATRIZ: RIO DE JANEIRO, RUA DO ROSARIO, 135-137
TELS.: 52-9534 - 52-7719

FILIAIS:

SÃO PAULO Rua Marconi, 91-93 RIO DE JANEIRO
Telefone: 34-3855 Rua Sen. Dantas, 40, Tel. 52-1415

PORTO ALEGRE: Rua dos Andradas, 1644, Tel. 8478

C A S A .
SÃO JOÃO BATISTA
M O D A S

RUA 7 DE SETEMBRO, 110 Av. N. S. COPACABANA, 723-B
TELEFONE: 52-6518, 42-9470 T E L E F O N E : 37-8385

RIO DE JANEIRO
FABRICAÇÃO PRÓPRIA

IRMÃOS SZKURNIK

CONFECÇÕES EM GERAL :: LINGERIE :: MEIAS
BOLSAS :: ARTIGOS DE PRAIA E ESPORTE

E L E G A N T E

MANUFATURA de ARTEFATOS
de Couro, Elastico e Malhas

Sendacz S.A.
INDUSTRIA E COMERCIO

RUA JOSÉ PAULINO, 740

Telefone, 51-7506

SÃO PAULO

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DE
MAQUINAS DE COSTURA,
RÁDIOS, REFRIGERAÇÃO,
BICICLETAS, FOGÕES E
MATERIAL ELÉTRICO

**Radio Belmonte
Lda.**

UN NOME — UMA TRADIÇÃO
UMA GARANTIA

Matriz: SÃO PAULO
Rua São Caetano, 315-321-325
Fone: 34-6038

COLCHAO
DE MOLAS
SELO DE OURO

Industria de Estoios Selo de Ouro Ltda.

Fabrica e Escritório:
Praça Onze de Junho, 282
Telefone (Prov.) 43-0752

Exposição e Vendas:
Rua Lucília Lago, 96-B (Meier)
TELEFONE: 29-7708

MÓVEIS ESTOFADOS
COLCHÃO DE MOLAS
S O U M M I E R S

RIO DE JANEIRO

JOSE



Schvartzman e Cia. Ltda.
decorações
moveis
tapeçarias

RUA CONSOLAÇÃO, 2104 ::

SÃO PAULO

Telefone: 52-2028

Moveis Felicidade

F A L B E L & F I L H O

Simbolo de durabilidade
MOVEIS E TAPEÇARIA

TELÉFONE: 5-0254 (CHAMAR)

RUA 12 DE OUTUBRO, 612 : : LAPA
SÃO PAULO

«AUTO-ESCOLA
NORBERTO»

ATENÇÃO!

CANDIDATOS A
MOTORISTAS
GANHE CR\$ 1.200,00

A Auto Escola «NORBERTO» a mais conhecida e organizada no genero, nesta Capital, em comemoração ao IV Centenario, oferece-vos gratuitamente vossa matrícula até o fim do corrente mês, afim de habilitardes como motorista amador ou profissional.
RUA GUATANAZES No. 689
FONE: 51-2830
SÃO PAULO

LABORATÓRIO
de ANÁLISES MÉDICAS
DO DR. MANOEL BRONSTEIN

Av. Rio Branco, 257 - S. 503-4-5
Tel. 52.2747 — Resid. 25.6376

MALHARIA ABRAM

Artefatos me Lã e Algodão
VENDAS POR ATACADO

Abraham Grajcar

RUA ANHAIA, 129 - Tel. 52.8594
SÃO PAULO

OTTO HEILIG

MAQUINAS E EQUIPAMENTOS
INDUSTRIAIS

Avenida Nilo Peçanha, 12 - S. 1019
Telefone 42-9894
RIO DE JANEIRO

INDUSTRIA E COMERCIO
DE MALHAS

“A NACIONAL”

M. J. JUZIU K

Rua José Paulino, 807 - São Paulo
FONE 51-9523

FABRICA DE SOUTIENS

AMALY

Qualidade — Perfeição

JULIO GOTTLIB

Telefone: 51-6600
RUA SILVA PINTO, 44
SÃO PAULO

Dr. Salomão Steinberg
ADVOGADO

Civil, Criminal - Trabalhista

AV. RIO BRANCO, 108 — S. 1203
Telefones: 22-9679, 52-5142

Residência: 25-6710

PATRIE Magazine

A VERDADEIRA
ELEGÂNCIA
PARA A MULHER
PAULISTA NA

PRACA PATRIARCA, 14
Telefone: 32.28.14 SÃO PAULO

Francisco Frischman

Importação - Fabricação
Comercio - Representações

Praça Generoso Marques, 137 143

CURITIBA — PARANA

ISRAEL KRIGER

Casa Tiradentes
Modas

Praça Tiradentes

CURITIBA — PARANA

CASA MILMAN
TECIDOS E CONFEÇÕES
Atacado e Varejo

Secção de Crédito

Abraão Milman & Irmão

AV. OSVALDO ARANHA, 708
Fone: 7811

PORTO ALEGRE

DEPARTAMENTO DA NOVA GERAÇÃO DO
KEREN HAISSOD

AOS PAIS CUJOS FILHOS VIVEM EM KIBUTZIM EM ISRAEL!

Por ocasião da Páscoa, os pais cujos filhos se encontram nos kibutzim de Israel, têm agora o feliz ensejo de enviar-lhes por intermédio do Departamento da Nova Geração do Keren Haissod, uma saudação gravada num pequeno disco que serve para qualquer vitrola.

Para todas as informações, favor dirigir-se à sede do Departamento da Nova Geração, à Av. Rio Branco, 114-11 and., no Rio, e Av. Ipiranga, 652-10 and., em São Paulo, imediatamente.

GUARATON

Dá aos velhos o vigor

FORTIFICANTE VEGETAL

da juventude

Perpetua nos novos as energias

da mocidade



AO ISCHUV

COMPREM SEUS ALIMENTOS NA **Confeitaria Frigele**
PAO PRETO DE CENTEIO — TRIGO INTEGRAL.
PAO E BISCOITOS PARA DIABETES.
PANIFICAÇÃO PRÓPRIA.

TELEFONE : 43-3484
RIO DE JANEIRO
RUA SANTANA, 76

A CASA POSSUE COMPLETO SORTIMENTO DE CARNES,
SALAMES, SALSICHA KUSHER, CREME DE LEITE, MANTEIGA
O QUE HA DE MELHOR PARA A COLETIVIDADE JUDAICA.

Dr. Samuel Goldfeld

CHIRURGIÃO-DENTISTA

PORTO ALEGRE — R. G. DO SUL

MOBILIARIA GLORIA
MÓVEIS E TAPEÇARIA

Max Roßberg, Irmão & Cia. Ltda

Rua do Catete, 97, Tel. 25-1947

RIO DE JANEIRO

TEL. 43-4176 TEL. 43-4176
Fabrica-se cordões de ouro 18 K.
VENDAS SO POR ATACADO
JOIAS "ESSER", Ltda.
Praça Onze de Junho, 75-1.º and
RIO DE JANEIRO

MOBILIARIA PRIMOR
A casa mais antiga neste ramo

PINHO BREITMAN
ultimos modelos de móveis
GRANDE SORTIMENTO DE
TAPEÇARIAS
Rua do Catete, 25
Tel.: 25-8165
RIO DE JANEIRO



Modas **FINOSTIL**

RUA STA. EFIGENIA, 184 e 186
Fone: 36-8202 - 34-3776 - 34-5729
SAO PAULO

INDUSTRIA E COMERCIO
FEIGENSON S.A.

RÁDIOS

ANTENAS



— o rádio com recepção total

Fábrica: Rua João Tibiriçá, 958 — Fones: 5-0906 e 5-0194
Exposição: Rua Aurora, 589 — Fones: 36-5401 e 35-3995
Caixa Postal 7036 - End. Teleg. «TELESPARK» - São Paulo

FABRICA DE BORDADOS
E LINGERIE

LEÃO

Importador da Iha da Madeira
aceita encomenda para noivas

LEÃO TIMONER

RUA JOSE PAULINO, 381
Fone: 51-8089

SÃO PAULO

CASA HERMAN

O MAIOR DEPOSITO DE
MEIAS NYLON

Rua SANTANA, 227 - Tel. 32-4744
RIO DE JANEIRO

Casa dos Quatro Irmão

CONFECÇÕES EM GERAL

AV. CELSO GARCIA, 361

SÃO PAULO

A NOVA ERA
MOVEIS FINOS DE ESTILO

DECORAÇÕES E TAPETES FABRICAÇÃO PROPRIA

RUA DO CATETE, 91 - 93 - 95

LOJA: Tel. 25-3995

ESCR. Tel. 25-1703

RIO DE JANEIRO

Maquinarias Minerva S. A.

MINERVA: A COMPANHEIRA DE UMA VIDA INTEIRA

RUA RIACHUELO, 121 B - Tels. 32-2328, 32-1989 - RIO
Teleg.: ASILECO

MODAS M^{me}. SABINA

I. J. LUSTMAN

Rua Barão do Bom Retiro, 2266
(Praça Malvino Reis)

Tel. 58-2178 :: Rio de Janeiro

MOVEIS
Belas Artes

Creações Modernas
e de Estilo

TAPEÇARIAS
INTERIORES

RUA XAVIER DE TOLEDO, 88

FONE : 34-48-91

SÃO PAULO

LIVRARIA E PAPELARIA

S. COHEN

LIVROS
MATERIAL ESCOLAR
E PARA ESCRITÓRIO

PARÇA DA REPUBLICA N.º 76
Telefone, 43-3677

RIO DE JANEIRO

ESPECIALIDADE EM COLARES «GOURMETE»

FEITOS A MAQUINA

Fabrica de Joias N.S. da Conceição Ltda.

FABRICA E-ESCRITORIO:

RUA BARÃO DE PETROPOLIS, 116

Telefone: 28-1970

RIO DE JANEIRO

End. Teleg.: «GOURMETE»

MOVEIS FINOS

MARCENARIA CATALANA LTDA.

LOJA: Rua CONSOLAÇÃO, 442
OFICINAS: Rua PLACIDINA, 211-223

TELEFONE: 34-5780
TELEFONE: 2-9785

SAO PAULO

NOVIDADES

Casa das Sedas

RUA ANDRADAS, 1265

PORTO ALEGRE

CASA Mme. PAULINA de OSIAS GERSTLER

Jogos de Lingerie
RUA SANTANA, 62
Tel.: 436294
RIO DE JANEIRO

Tecidos e confecções de artigos
de esportes

MAJER KRAJNDEL

Rua Santana, 72 — Tel. 439506
RIO DE JANEIRO

FABRICA DE EDREDONS
CAMA - MESA
LINGERIE - MALHAS ETC.

J. PILDERSVASSER

Rua Santana, 68 Tel. 43-4157
RIO DE JANEIRO

GOBELINS
VELUDOS
TAPEÇARIAS

A. LANDO

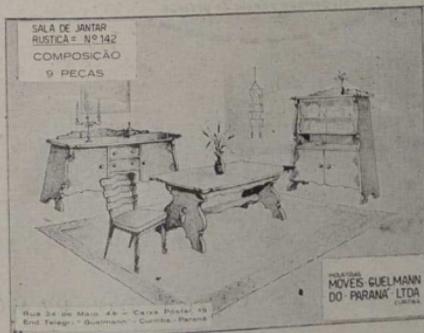
ESPECIALIDADE EM TECIDOS
PARA ESTOFAMENTOS
E CORTINAS

RUA ANTONIO DE GODOI, 114
Telefone: 36-4276
SAO PAULO

ESTOFARIA DAVID de David Cherman

EXECUTA-SE TODO E
QUALQUER SERVIÇO
CONCERNENTE AO RAMO

AV. OSVALDO ARANHA, 846 FONE: 9-1001 - PORTO ALEGRE



Roupas de Couro

ROUPAS
EME-PE

RUA BANDERANTES, 492
Tel. 347833 SAO PAULO

Completando a revolução na cozinha...
depois da mais perfeita panela de pressão

Panex

apresenta

FRIGIDEIRA POLICELULAR PANEX

A Frigideira Panex oferece uma inovação sensacional: O seu fundo (duplo), constituído de paquenas cavidades, permite que a gordura se espalhe por igual, impedindo que os bifés e ovos fiquem grudados, como acontece com as frigideiras comuns. É prática, durável e elegante!

EM 3 TAMANHOS



FERVEDOR DE LEITE PANEX

O novo fervedor Panex é um utensílio de linhas modernas, imprescindível na cozinha. Graças às suas revolucionárias características técnicas, impede que o leite derrame ao ferver e evita que o mesmo se queime.

EM 2 TAMANHOS

Produtos da
PANEX Ind. & Com. Ltda.

São Paulo: rua Xavier de Toledo, 266
Rio e Visc. de Inhaúma, 124 - 7.ª and.

Se Você já possui a sua panela de pressão PANEX, complete a "modernização" de sua cozinha com estes dois novos produtos. E se não tem ainda a sua PANEX, lembre-se que PANEX é a mais perfeita panela de pressão.

REPRESENTANTE
MAURICIO GOLDENFUM
RUA CHAVES BARCELOS, 171
PORTO ALEGRE - RIO GRANDE de SUL

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO

מען שטעלט זיך צונויף די גאנצע געזעלשאפט לעבע שאפונג.

נישט א פארטוי וועט אויפגעבויעט ווערן דורכן איינזם — נאר א געמיינשאפט. די ארבעטער־געמיינשאפט אין לאנד — זי וועט אויפגעבויעט ווערן, כדי צו באפרי־דיקן אירע באדערפענישן, אויפבויען איר צוקונפט, די צוקונפט פון פאלק, דאס איז א כלל־בנין, וואס נעמט ארום אלע ארבעטס־מענטשן, ווי זאלן נישט ארבעטן, און ער נעמט אונזער רשות־הרבים פאר אידעאטישע ווינטן, פאר בארוכטערנדיקע רעגנס.

די שמערקונג פון דער ארבעטער־געמיינשאפט איז 'אויסצופורמען דאס לעבן פון יידישן פאלק אין ארץ־ישראל, אלס א געמיינשאפט פון פרייע און גלייכבאר רעכטיקטע ארבעטער, וואס לעבט פון איר פראצע, הערשט אויפער איר פארטעגן און ארדנט איין אין אייגענעם רשות איר ארבעט, עקאנאמיק און קולטור, אירע יסודות ווינען: גנאיאנאליזירונג פון באדן, נאט־ציאנאלער קאפיטאל אויף צו שאפן די ווירטשאפט און געבן הוואות די ארבעטער: א פאלקס־עליה: פרייע ארבעטער־קבוצות, וועלכע פירן זייער ארבעט אין איר גענעם רשות: א הלוצישע באוועגונג, וועלכע טרעט אויס מיט איר לעבן וועגן פארן פאלק: די אויפלער־בונג פון העברעאישער שפראך און איר פארשפרייט טונג צווישן פאלק: אן אויטאמטע פאלקס־קולטור, און אלס א תורה שכלל, וועלכע קען נישט אה דארף נישט דעפינירט ווערן אין פאראנאפן, אנטהאלט דער אייזער־געדאנק א גלויבן אין כוח פון דער ארבעט און אירע אגענע און כנהאלטענע אינהאלטן, א גלויבן אין ארבעטער־כלל און אין דער צוקונפטקער עליה, וועלכע וועלן גיט פארפירן, און אויך א האפנונג אויף א פרוכטבארע געזעלשאפטלעכע ארבעט אין דער ארבעטס־באוועגונג אויפן יסוד פון געדאנק־פרייהייט, צוטריוו פון הכרים און כבוד פון מענטש.

וועלכע טראגט אריבער דעם ארבעטס־ און שאפונגס־צענטער פון דער גאס, פון לעבן, פון דעם יחידים כוח אין זיין פאדאנטאראמפליקייט — צום 'צענטער', צום פירער, צום קערנער, די דער רעזאלוציע און פאליטיק־מענט. אין דער ארבעטס־באוועגונג אין ארץ־ישראל, אין דעם אויפבויע פון פאלק איז די פאליטישע ארבעט, ווי וויכטיק זי זאל נישט זיין, נישט דער פונדאמענט פון דער באוועגונג. די באוועגונג שטרעבט: צו שאפן דאס לעבן אלזויטיק, און זיין גאנצן פארנעם. די דא־זיקע שאפונג באזירט זיך אויף דער ארבעט גופא, אויף איר פרוכטבארקייט און אירע באדינגונגען, אויף ארגאניזירן מאטעריעלעך דאס לעבן פון ארבעטס־מענטשן, אויף א כסדרדיקער חלוציות, אויף א אוטאופהעלעכער פערזענלעכער אקטיוויטעט אנטפלעקן די כוחות פון יעדן יחיד און שאפן די געוועזענע באדינגונגען פאר דער אנטפלעקונג פון די ארבעטער־כוחות — דאס איז דער עיקר אין אונזער לאגע: דערארבעטן דאס לעבן און שאפן עס יעדן מאג — דאס איז די מעטיקייט, וועלכע דער אייזער דארף ארגאניזירן און איר מיטעלפן.

אט דאס געטונדל פארן בית־הפעלים, דא אין פתח־תקה, וועלכעס באדעקט דעם ארט ווי עס זיינען פרייע געוואקסן שטעכיקע דערנער און ווילדע גראון — דער־צייט אונז וועגן די געדרונגען, וואס זיינען פארנעקער מען אין לעבן פון ארבעטער, אין דער ארבעטס־באוועגונג פיל מער, ווי אלע דערצייילונגען וועגן וואל־אקציעס אין ארבעטער־רעד כמשך פון יארן.

אונזער לעבן שליסט נישט אויס פאליטיק און נישט אירע חסרונות. אונזער ארבעט קען נישט מותר זיין אויף איר, אבער די פאליטיק אין אונזער ארבעט טאר גיט פארטינדרען די געשמאלט פון אונזערע עקאנאמישע, קולטורעלע און אינטעלעקטועלע שאפטלעכע מעטיקייטן, וועלכע ציען זייער ניקה פון איין מקור, און ווי באאייני־פלוסן כסדר איינע די אנדערע, און פון זיי אלע צוזאם

וואס איז אזוינס-איהוד

(פון דעם מאמר "אחרות העבודה" צו דער פאראייניקונגס-קאנפערענץ אין פחד-תקוה, תרס"ט, 1919)

ארבעטער-קראס, וועלכע וועט קומען אלס דרינגענדיגער רע-
זולטאט פון געמיינשאפטלעכע מעטיקייט און קעגנזייטיקער
אנטערזאנדונג, וועט זיכער דערפירן צום געוונטשטן
צולקן.

די פארשידענע פרובן, וואס זיינען געמאכט געווארן
אין אונזערע הוות—איינזאמלען געוועלשאפטלעכע בא-
וועגונגען געוויסע צוואנצנטן, רעליגיעזע, פילאזאפישע
אדער עמישע מעאריעס - צו וועלן זיי נישט דערפירן
סוף-כִּלְסוֹף? צו א שאפונג פון א נייער רעזינע, צו א
פילדריקער גריבעניש צו א פארשקלאפונג פון
מוחת און פארזייווערונג פון געדאנקען, צו א
מאדערנער געזעלשאפט און גאטספארשטיקייט? א, גרויס
איז דער געבענטשטער, בארייענדיקער כוח וואס אנט-
דעקט די געזעצן פון לעבן און נאטור: גרויס איז דער
ווערט פון דארווייניג אדער באקאנסים, אלס קאמפאן
אין מענטשלעכן דענקען, נישט נאר פארן געניס, וואס
אנטדעקט זיי און באלייכט מיט ווער הילף די פרינציפ-
נישן פון דער וועלט, נאר אויך פארן מיטל-מענטש, וועל-
כער איז זיי תופס א דאנק דער ארבעט פון אייגענעם
מוח. אבער די דאזיקע געזעצן, אז זיי ווערן אויפגע-
בעט אלס גלויבנס-פארמאן, אז זיי ווערן סמאלע
און באנאלע דברות, וועלכע אנטערעגן נישט קיין קרי-
טיק, פארזירן זיי ווער גאנצן בארייענדיקן אינהאלט און
ווערן א מין געצנדיגער, א סארמאז און א פארשקלא-
פונג.

צי נויטיקט זיך נישט יעדע בארייטונגס-באוועגונג אין
פרייהייט פון געדאנק און געפיל, אין ברייטן שוונג
פארן יהוד, אלס שפייז פארן בארייענדיקן ארבעטס-
וועלן?

פאראייניקונג - באדייט נישט צו מאכן אונז אלע פאר
א סעקטע, פאר א רעליגיעזע אדער סאציאלאגישע גע-
מיינדע. אבער פאראייניקונג שטרעבט אויך נישט צו
שאפן א פארטיי. אין צענטער פון דער פארטיי שטייט
די אונזער צייט די שטרעבונג צו פאליטישער מאכט,
און ענדערונג פון לעבן דורך דעראבערן די מאכט, און
דערמיט אויך - די קאנצענטרירונג פון דער געוועל-
שאפטלעכער מעטיקייט דורך פראפאגאנדע, וואלן, ליי-
טונג און 'פאליטיק' אפילו ווען די פארטיי מוט אן
אנדער ארבעט, באטראכט זי איר ארבעט אלס מיטל
פאר דער פאליטישער מאכט. און אט פון דעם דאזיקן
גלויבן אין דעם אנטשיידנדיקן כוח פון דער פאליטישער
מעטיקייט, שאמט די איבעררייבונג פון 'פאליטישע'
נצחונות, פון פארטייאישע-מאכטשער טיילע-ערשטיקייט.

זיי אזוי זאל געבויט ווערן דער ארגאניזאציע-אנזע-
איהוד פון די אידיש-איהודיקע ארבעטער?

אויפן יסוד פון דער אייניקייט, וועלכע הערשט אין
לעבן, און קודם כל - נישט אויפן סטך פון פאראנא-
פרישן שולחן-ערדן וועגן זיינענען און איבערצייגונגען.
לאמיר נישט בודק זיין דעם 'אני מאמין', די 'איבערציי-
גונג' וואס מען שווערט זיך אויף איר און מען באשווערט
מיט איר. צו דען קען נישט געמאכט ווערן א גוטע
ציוניסטישע ארבעט, איידער מען האט אנטערגעשריבן א
פאראנאמאטישן וועקסל וועגן נאציאנאליזם און יודישקייט
לויט דעם אדער יענעם נוסח? צו דען לעבט נישט און
שטרעבט נישט דער ארבעטער און קעמפט זיין קאפ, איידער
ער האט זיך מתחייב געווען אנטענסקעמען געזע-
רעס וועגן 'מאמעריע און גייסט', וועגן 'היסטארישע פאק-
טארן און 'אנטוויקלונגס-געזעצן'? צו איז שוין נישט
צייט אפצווייניקן די געוועלשאפטלעכע שאפונג פון קרי-
טיק, בארייען זי פון חקייטער גריבעניש און אויס-
ברענגן זי אויף איינפאכקייט, אויף אייניקייט פון לעבן און
שטרעבן, פון וועלן און מאכען? דער ענין איז אלט און
פשוט אבער ביי אונז שטעקן נאך די לעכערלעכע בא-
גריפן וועגן ארגאניזאציע און פילדריקע קערפער-
שאפטן ווי וועגן פארזייערע און פילדריקע באשעפ-
נישן, וואס אפפערן זיך און דעבאטירן סכור - א רושע
פון געמאלע-לעבן, א פארזעצונג פון דער לומדישער פיל-
טראדיציע. אבער נישט אזוי האבן די שעפער פון ציוניזם
און סאציאליזם פארשטאנען ווער באשטימונג מיט פשו-
טע, שרוקענע און 'מעכאנישע' זאצן האבן גאנצישע אר-
בייטקען געבויט אייביקע בנינים פארן מענטשלעכן וועלן
און טאמ, די 'באוועגער פאראנא' אנטהאלט נישט קיין
שום פאמעטישע דעקאראציע און קיין שום 'סופיע' מיי-
גונג וועגן יודנטום און נאציאנאליזם. אבער דוקא די-
דא- זיקע פשוטע און מעכאנישע באוועגער פאראנא האט
ארויסגעפירט דאס פאלק אויפן ברייטן לעבנס-וועג, און
דער געניס פון דער ארבעטער-באוועגונג, בשעת ער איז
געקומען פאראייניקן די ארבעטער פון דער גאנצער וועלט,
האט ער נישט געזארגט וועגן נעמען און מעאריעס אין
נישט געטראכט צו פארפליכטן מעינסן צו מיינענען, וועלכע
ער האט געהאלטן פאר די איינציק-ריכטיקע; ער האט
זיך באנוגנט דערמיט, וואס ער האט נישט שאפן אן איי-
פאכע אומפאסנדע אייניקייט, אן אלעמעניע און חיות-
קע אייניקייט, די אייניקייט פון געמיינשאפט ארבעט
וועלכע ברענגט צו און אלעמישן פון געדאנקען און דער-
לויבט אין אירע גרענעצן אלס מיט מיינונגען. און דאס
אלץ אין פעסטן גלויבן, אז די 'גייסטיקע אנטוויקלונג פון

ערעמער פראץ אין דער ארבעט פאר קרן קימת לישראל אין בראזיל



די באוועגונג אין בראזיל האט אין יאר תשי"ד, אין דער ארבעט פארן קרן קימת לישראל זיך אויסגעצייכנט מיטן ערשטן פראץ צווישן דער יוגנט. די דער ציערלישע עלעמענטן מענטשן וואס דער קרן קימת פארמאגט וואס זיינען אויסגענוצט געווארן, און די אקטיווע מעטיקייט פון דער גאנצער בראזיליאנער באוועגונג, פון צפון ביז דרום, זענען געקרוינט געווארן מיט גרויסערפאלג. אין ארבעטניגע אויך, און די באוועגונג איז דער הערד החלוצי, אויפן ערשטן פלאץ.

ח דש התנועה בשנת הרצל

דער צווייטער אנווערטסאר פון דעם איחוד פון די יוגנט-באוועגונגען דורך און גורדוניה, אין בראזיל, פיערן מיר אונטעס יאר פון 50-טן יארצייט פון מנהיג פון דער ציוניסטישער באוועגונג, ד"ר מעדאדער הרצל ז"ל. אין אלע קנים פון דער באוועגונג זענען ארגאניזאציע ספעציעלע מסכתות און אונטערנעמענען צילע דער גרויסער דאטע אין דער געשיכטע פון דער חלוצישער באוועגונג אין בראזיל. אויך אין דעם פּיערא מיר דעם 50-טן אנווערטסאר פון קרן קימת לישראל, און אונזער ארבעט ווערט אין דעם געביט פארשטארקט און פארמערט.

נייע מועדונים פאר דער תנועה.

לויט דער ארענמאציע פון איינארדענען נייע מועדון ניס פאר דער ארבעט פון דער באוועגונג, זענען באנייט געווארן אין די לעצטע צוויי חדשים, נייע מועדונים אין די קנים פון קאריטיבא, רעספּע און ריא. אין ריא דע

צווייטער לאטיין-אמעריקאנער סעמינער פון איחוד הנער החלוצי.

אין ריא, איז פארגעקומען אין דער לעצטער וואך פון נאוועמבער, דער צווייטער לאטיין אמעריקאנער סעמינאר פון דער באוועגונג, עס האבן זיך באטייליקט חברים פון ארענטשיע, אורוגוואי, משיגע און בראזיל, און שליסים פון דער תנועה עליונה אין זידאמעריקא-נער קאנטינענט די ויכוחים זענען געווען ארום די פונדאמענטאלסטע פראגען פון דער אווועלטיגע באוועגונג, סיי די ציוניסטישע און סיי די סאציאליסטישע פראבלעמען פון דער קאנטינענט, פאזי און פעלי ציון התאחדות אין דער וועלט; די יוגנט פראבלע-טען אין זידאמעריקע, די ערצציערישע מעטיקייט פון דער באוועגונג, תשמה עצמית און עליה, הכשרות און דער גליה די ויכוחים זיינען געווען אין זייער א הויכן טווא. און האבן דערווייזן דעם כוח פון דעם איחוד הנער החלוצי אין זידאמעריקע וועלכע האט אין דעם לעצטן זיך צו ארגאניזירט אין באליזויא, און פער, און גרויס דאר.



זשאנירא, מיט דער ווערפולער הילף פון קאמיטעט 'פרינט פון איחוד, איז פיערלעך דערפונט געווארן דער בית החלוצי ע"ש ברל כצנלסן, דער פראכטפולער מועדון, האט שוין אנגעהויבן צו געבן זיינע רעזולטאטן, דערסטעלעכנדיק א באנייט ארבעט פון דער באוועגונג אין ריא. דער ביישפיל פון דעם קאמיטעט פריינט פון איחוד אין ריא, וועלכער ארבעט נישט מעסטנדיק סיי רת נפש און סיי, דארף זיין א דערמיטלעונג פאר די קאמיטעטן אין די אנדערע קנים פון דער באוועגונג. די נאצע באוועגונג אין בראזיל באגרייט דעם קאמיטעט אין ריא, מיט דער אנערקענונג און האפענונג אין א בא-נייער און פרוכטבארער ארבעט.

20 יאר דרום אין לאטיין אמעריקע.

אין בית-ברל (אהלו) איז פאר-געקומען דער פיערלעכער כנס פון 20 יאר דרום אין לאטיין אמעריקע, אין דעם כנס האבן זיך באטייליקט אלע ספעציעלע פון דער באוועגונג דרום, צווישן זיי בורדעלי ספּעסיעס, נבועל-זיד, און די לאטיין אמעריקאנער גרעניס אין רעספּע (ברא-זיל, נינגר (ארענטשיע) און די גרופע מדרכים פון כסון למדריכי תורה אין ירושלים, פון דער כנסת און פון דעם איחוד חקובות וחקובים אין ספּאזי האבן זיך באטייליקט די חברים, שפּרינגק, דובדבני, יוסף יש-ראלי, משה קוסוב, בי דער געלעגנהייט איז ארגאני-זירט געווארן די אויסשטעלונג די געשיכטע פון דרום אין בראזיל.



באנייטע מעטיקייט פון ועד איהוי ברוה היל.

אין די לעצטע וואכן האט זיך אינטענסיפירט די מעטיקייט פון קאמיטעט פריינט פון ברוה היל, וועלכער האט פאר זיינע צילן די צוזאמענארבעט אין עקאנאמישן געביט מיט בראזיליאנעס קבוצ און נגב - ברוה היל. דער קאמיטעט אין סאן פאולא, גרויס זיך צו א גרויסע אט-טענענענט אין דעם חדש מערין כבוד צו דערמערלעכן קיפּא א גרויסן טראקטאר פאר די בראזיליאנער חלוצים אין זייער ארבעט פון בויען און שאפן א נייע געזעלשאפט אין מדינת ישראל.

איחוד הנוער החלוצי

זרחה לנוער היהודי בברזיל

מתנת ארצות

מלקת העיונות

מתח-קין

זוכרנו אן אנדערע נאמור, די
זון ברענט און א נויער פעריאד
אינעם לעבן פון דער יוגנט-בא-
וועגנג היבט זיך אן.

מתנת-קין! זוכער-לאנגער ווו
יוגנט לעבט זיך אויס אין ים-
ראלדיקע סביבה, דורכגעזאפט
פון יידישער טראדיציע, יידישע
קליטור, אין קאנטראסט מיט דער
נאמור אין וועלכע יוגנט און קינד
גרייטן זיך צו דער צוקופנט.
א צוקופנט פון בויען א מדי-
נה און א פאלק אין נייע יום-
דות און אין נייע פארשען.

די יוגנט פון אהוד הנער
החלוצי צוגרייטנדיק זיך צו דער
שווערער מיסיע וואס איהן איר
ליינט זיך ארויף, ארגאניזירט אין
דעם חודש התנועה בשנת הרצל,
אירע אכטע מתנת קין, אין אירע
אירע שכבות, וועלכע וועלן האבן
איר סיום מיטן סעמינאר פאר
מדרושים, און די דריטע מתנת
ארצות.

אין גאנץ בראזיל פון רעסיו-
פע ביז פארטא אלעגערע נעפיו-
נען זיך גרופעס פון אהוד הנער
החלוצי אין די מתנת קין ועל-
כע וועלן נעבן אירע פרוכטן אין
דער צוקונפטיקער איכעט פון
דער באוועגונג, און אין דער הג-
שמה פון אירע חברים.



שעלה לילית, מתח-קין

110 ה

חודש התנועה בשנת הרצל

53 שנה לקרן קימת לישראל - 2 שנים לאיחוד